

ADRIANA DOS SANTOS SOUZA SUNAKOZAWA

**PREMISSAS HISTÓRICO-SOCIOCULTURAIS
ACERCA DO MACHISMO EM PESQUISA
APLICADA NO CONTEXTO BRASILEIRO**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB

PROGRAMA DE PRÓS GRADUAÇÃO

MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOLOGIA

CAMPO GRANDE – MS

2020

ADRIANA DOS SANTOS SOUZA SUNAKOZAWA

**PREMISSAS HISTÓRICO-SOCIOCULTURAIS
ACERCA DO MACHISMO EM PESQUISA
APLICADA NO CONTEXTO BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado e Doutorado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, área de concentração: Psicologia da Saúde, sob a orientação da Professora Dra. Heloisa Bruna Grubits.

UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO

MESTRADO EM PSICOLOGIA

CAMPO GRANDE – MS

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP) Universidade Católica Dom Bosco
Bibliotecária Mourâmise de Moura Viana - CRB-1
3360

Sunakozana, Adriana dos Santos S.

Premissas histórico-socioculturais acerca do
machismo em pesquisa aplicada no contexto brasileiro/
Adriana

dos Santos S. Sunakozana, sob orientação da
professora Dra. Heloisa Bruna Grubits. -- Campo
Grande, MS : 2020.


140 p.: il.;

Dissertação (Mestrado em Psicologia) -
Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande-
MS, Ano 2020

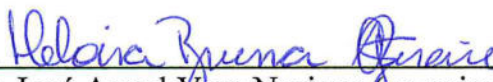
Bibliografia: p. 103 -110

A dissertação apresentada por **ADRIANA DOS SANTOS SOUZA SUNAKOZAWA**, intitulada **“PREMISSAS HISTÓRICO-SOCIOCULTURAIS ACERCA DO MACHISMO EM PESQUISA APLICADA NO CONTEXTO BRASILEIRO”**, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em PSICOLOGIA à Banca Examinadora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), foi.....*aprovada*.....

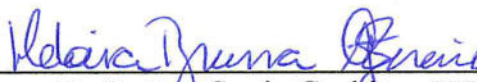
BANCA EXAMINADORA



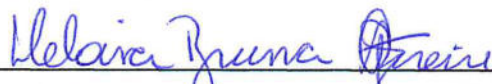
Profa. Dra. Heloisa Bruna Grubits (orientadora)



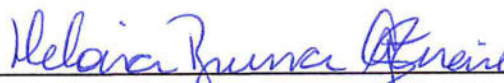
Prof. Dr. José Angel Vera Noriega (co-orientador) – CIAD



Profa. Dra. Sonia Grubits – UCDB



Prof. Ruberval Franco Maciel - UEMS



Profa. Dra. Luciane Pinho de Almeida - UCDB

Campo Grande-MS, 13 de maio de 2020.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu esposo Lúcio Flávio e ao meu filho Leonardo Sunakozawa pelo apoio e compreensão nas horas em que estive ausente, pelas palavras de confiança e incentivo, pela confiança total que depositaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado saúde e fé para superar as adversidades ao decorrer do curso.

A minha professora, orientadora Dra. Heloísa Bruna Grubits, pelo suporte, por sua paciência e colaboração, foi de extrema importância sua contribuição. Obrigada toda a dedicação, atenção e a construção conjunta deste trabalho com as brilhantes sugestões, contribuições, explicações e correções que foram apresentadas por ela. Não tive apenas lições sobre a dissertação e as temáticas estudadas, mas também sobre a profissão de professora. Obrigada pela sabedoria compartilhada nas orientações.

Ao meu coorientador Dr. José Noriega pela disponibilidade e pelas suas valiosas contribuições tanto para este trabalho como para produções futuras que seus apontamentos suscitaram.

Aos professores doutores da banca de qualificação, professora Dra. Luciane Pinho. Dra. Sonia Grubits, professor Dr. Ruberval, por terem aceitado prontamente em participar da minha banca de qualificação.

Ao meu esposo Lúcio Flávio Sunakozawa, pelo incentivo e força, pelas belas palavras de apoio moral nos momentos mais difíceis de superação ao longo dessa jornada, sempre tão presente, companheiro, amigo, dedicado, compreensivo, dando todo apoio necessário para a realização desta meta. Pelas ausências, pela sua paciência.

Ao meu filho Leonardo de Souza Sunakozawa, pelos momentos que tive que me ausentar no período do seu desenvolvimento.

Aos meus pais, Maria Custódia do Santos e Valdir Alves pela confiança e paciência de me acolherem carinhosamente com o apoio emocional. Também por entenderem que eu estive longe por alguns momentos concentrada na concretização de mais uma meta.

À meu sogro Akira Sunakozawa, pelo cuidado e paciência que obteve nesse momento, aos cuidados com meu filho Leonardo em todos os momentos de ajuda que houve necessidade.

Aos meus enteados Igor Lemes Sunakozawa, Victor Lemes Sunakozawa, Bruno Lemes Sunakozawa, também minha enteada Renata Sunakozawa tão queridos, compreensivos que puderam me ajudar nos momentos de ausência nas tarefas de casa. Aos cuidados que tiveram com Leonardo Sunakozawa nas suas atividades extras escolares, que não estive presente.

Aos amigos que ganhei nessa caminhada, Marina de Castro Fregnan, Karla Lacerda Gomes, Sylvio Takayoshi, Tatiane Bombassaro. Nesse período da caminhada cada um de vocês trouxeram uma palavra amiga como paciência, dividimos angustias, choros, tristezas e muitas alegrias. Nosso grupo era bem movimentado. Quero deixar aqui minha gratidão por ter ganhado esses quatros amigos para vida.

À amiga Nabila de Araújo que sempre esteve comigo me incentivando nos momentos difíceis e de ansiedade. Grata por caminhar juntamente comigo na graduação, na pós-graduação e agora no mestrado.

RESUMO

A presente pesquisa realiza um recorte acerca da problemática do machismo na sociedade brasileira. Para tanto, parte-se dos pressupostos desenvolvidos por Rogelio Díaz-Guerrero e sua teoria acerca das premissas histórico-socioculturais, que se tratam de determinadas crenças inquestionáveis aceitas de maneira consensual por um grupo social e que contribuem para a compreensão do comportamento individual. Assim, a discussão parte de que a sociedade brasileira é uma estrutura patriarcal, cujas representações de gênero seguem rígidas premissas, da qual a base material é perceptível tanto nos espaços sociais quanto nas relações interpessoais, onde ao homem é dado o direito de subjugar o sexo feminino. Para tanto, aplica-se a pesquisa do tipo exploratória e descritiva de corte transversal com adolescentes, na qual é utilizado como instrumento metodológico um formulário com afirmações, adaptado da Escala de Premissas Histórico-Socioculturais elaborada por Díaz-Guerrero. O questionário denominado Satisfação Escolar em Estudantes de Escolas Públicas de Campo Grande – MS, contendo 229 questões de múltipla escolha, visando entender como o machismo é percebido por adolescentes. Foi aplicado o instrumento em 240 participantes, de escolas públicas de Campo Grande-MS. E os resultados indicam uma mudança positiva na sociedade na percepção do papel feminino, da inteligência e da importância que a mulher apresenta culturalmente, uma vez que estas indicaram maiores discordâncias sobre as premissas machistas.

Palavras-chave: Díaz-Guerrero; Premissas Histórico-Socioculturais; Machismo; Feminismo; Adolescentes brasileiros.

ABSTRACT

This research makes an excerpt about the problem of machismo in Brazilian society. To do so, we start from the assumptions developed by Rogelio Díaz-Guerrero and his theory about historical and socio-cultural premises, which are certain unquestionable beliefs, accepted by a social group consensually and which contribute to the understanding of individual behavior. Thus, the discussion starts from the fact that Brazilian society is a patriarchal structure, whose gender representations follow rigid premises, of which the material basis is perceptible both in social spaces and interpersonal relationships, where men are given the right to subjugate sex female. To this end, exploratory and descriptive cross-sectional research with adolescents is applied, in which a form with statements is used as a methodological instrument, adapted from the Scale of Historical-Sociocultural Assumptions prepared by Díaz-Guerrero. The questionnaire called School Satisfaction in Students of Public Schools in Campo Grande –MS, containing 229 multiple choice questions, aiming to understand how teenagers perceive machismo. The instrument was applied to 240 participants from public schools in Campo Grande – MS. And the results indicate a positive change in society of the female role, intelligence and the importance that the woman presents culturally, since these indicated greater disagreements about the male assumptions.

Keywords: Díaz-Guerrero; Historical-sociocultural premises; Chauvinism; Feminism; Brazilian teenagers.

LISTA DE TABELAS OU QUADROS

Tabela 1 – Respostas a afirmativa 122. É mais importante obedecer aos pais que amá-los.....	75
Tabela 2 – Respostas a afirmativa 123. Ser virgem é muito importante para a mulher solteira.....	75
Tabela 3 – Respostas a afirmativa 124. É muito melhor ser homem do que mulher.....	76
Tabela 4 – Respostas a afirmativa 125. Deve-se respeitar mais uma pessoa importante que uma pessoa comum.....	77
Tabela 5 – Respostas a afirmativa 126. As mulheres que casam virgens são melhores esposas.....	78
Tabela 6 – Respostas a afirmativa 127. Os homens são superiores as mulheres.....	79
Tabela 7 – Respostas a afirmativa 128. As vezes uma filha não deve obedecer a sua mãe.....	80
Tabela 8 – Respostas a afirmativa 129. As meninas não são tão inteligentes quanto os meninos.....	81
Tabela 9 – Respostas a afirmativa 130. Os homens são mais inteligentes que as mulheres.....	82
Tabela 10 – Respostas a afirmativa 131. Os homens sofrem mais em suas vidas que as mulheres.....	82
Tabela 11 – Respostas a afirmativa 132. Os homens são mais agressivos.....	83
Tabela 12 – Respostas a afirmativa 133. Todo homem gostaria de se casar com uma mulher virgem.....	84
Tabela 13 – Respostas a afirmativa 134. É mais importante respeitar o pai que amá-lo.....	85
Tabela 14 – Respostas a afirmativa 135. O pior que pode acontecer a uma família é ter um filho homossexual.....	86
Tabela 15 – Respostas a afirmativa 136. É mais importante obedecer a mãe que amá-la.....	87
Tabela 16 – Respostas a afirmativa 137. As vezes uma filha não deve obedecer a seu pai.....	87

Tabela 17 – Respostas a afirmativa 138. Todas as mulheres gostariam de casarem virgens.....	88
Tabela 18 – Respostas a afirmativa 139. É mais importante respeitar a mãe que amá-la.....	89
Tabela 19 – Respostas a afirmativa 140. Os brasileiros deveriam ser mais fiéis às suas esposas.....	90
Tabela 20 – Respostas a afirmativa 141. Educar os filhos é função primordial do pai.....	91
Tabela 21 – Respostas a afirmativa 142. Educar os filhos é função primordial da mãe.....	92
Tabela 22 – Resultado estatístico de grupo de questões em que os participantes pensam igualmente.....	93
Tabela 23 – Resultado estatístico de grupo de questões em que os participantes pensam diferentemente.....	94

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos pais.....	112
Apêndice II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	114
Apêndice III – Satisfação Escolar em Estudantes de Escolas Públicas de Campo Grande – MS.....	116

LISTA DE ANEXOS

Anexo I Questionário “Satisfacción com la vida em escolares de enseñanza básica em México y Brasil” de Largada (2018).....	129
--	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1. ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DE DÍAZ-GUERRO PARA A PSICOLOGIA	23
1.1. Um olhar sobre a trajetória de Rogelio Díaz-Guerrero na Psicologia	26
1.2. As premissas histórico-socioculturais desenvolvidas por Díaz-Guerrero	27
1.3. O teste de estilo de vida	33
1.3.1. Autoconceito.....	34
1.3.2. Locus de controle.....	34
1.3.3. Orientação ao êxito/evitação ao fracasso.....	35
1.3.4. Bem-estar subjetivo	36
1.3.5. Enfretamento aos problemas	37
1.4. Os caminhos da pesquisa transcultural	41
1.5. A Etnopsicologia.....	42
2. QUESTÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO PATRIARCAL E O MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL.....	46
2.1. Formação da Sociedade Patriarcal: elementos socioculturais	49
2.2. Lutas coletivas das mulheres e o desenvolvimento do feminismo: elementos de contracultura	55
2.3. Os reflexos da cultura e da contracultura.....	62
2.4. O papel da Psicologia dentro das perspectivas de gênero no Brasil	65
3. PESQUISA SOBRE A PERCEPÇÃO DE MACHISMO ENTRE ADOLESCENTES BRASILEIROS (AS).....	68
3.1. Método	71
3.1.1. Participantes	72
3.1.2. Instrumentos	72
3.1.3. Procedimento	72
3.1.4. Recorte de análise	74
3.2. Resultados	74
3.3. Discussão	92
4. CONCLUSÃO	97
REFERÊNCIAS	103
APÊNDICES	111
Apêndice I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	112
Apêndice II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	114
Apêndice III – Satisfação Escolar em Estudantes de Escolas Públicas de Campo Grande – MS.....	116

ANEXOS	128
Anexo I – Questionário “Satisfação com a vida em escolares de ensino básica em México y Brasil” de Largada (2018).	129

INTRODUÇÃO

Entre os objetivos que os profissionais de psicologia buscam atender, a promoção e manutenção da saúde pública são duas das grandes contribuições da área, tanto no sentido profissional, quanto no sentido técnico, científico e educacional. Visando a melhoria da qualidade de vida da sociedade, essa área estuda e se debruça tanto sobre os aspectos biológicos, como psicológicos e sociais. Diante dessa visão e articulando-se com a experiência profissional da pesquisadora com mulheres vítimas de violência doméstica na Casa da Mulher Brasileira, opta-se por um recorte acerca da problemática do machismo na sociedade brasileira para desenvolvimento desta pesquisa.

A proposta da mesma é, a partir de uma concepção articulada entre história, sociedade e cultura – desenvolvida por Díaz-Guerrero, entender como o machismo é percebido por adolescentes. O teórico mexicano, a partir de anseios no desvelamento do comportamento do homem (inserido em seu contexto social, o México), buscou estabelecer abordagem metodológica e científica para seu objetivo, partindo da proposição da psicologia como extensão natural da biologia. Assim, entende o comportamento como efetivação de premissas de atividades humanas, dialogando, assim, as ciências biopsicológicas e sócio-histórico-culturais.

As proposições de Díaz-Guerrero propõem uma leitura culturalista e transcultural dos grupos sociais e da psicologia. De acordo com Díaz-Guerrero (1972a), as motivações do indivíduo lhe são conferidas pelo que denomina de Premissas Histórico-Socioculturais, em vigor na coletividade em que o indivíduo pertence. Estas compõem um repertório de crenças e valores que se configuram como regras e normativas, as quais determinam as funções a serem desempenhadas por cada sujeito nas dinâmicas coletivas, bem como os tipos de confrontação estabelecidos na sociocultura (Alarcón, 2010).

No estudo relativo às Premissas Histórico-Socioculturais, Díaz-Guerrero dimensionou as consequências suscitadas pelos avanços da sociocultura sobre o comportamento humano,

sobretudo, no tocante à afetividade, às ações e aos princípios. A fim de instrumentalizar sua teoria, começou a analisar os discursos habituais empregados pelos indivíduos, tais como crenças socialmente aceitas e repetidas, ditos populares e formas de manejar os problemas enfrentados na vida diária.

Foi nesse intuito que Díaz-Guerrero e Trent deram início à elaboração de um questionário contendo 123 afirmações, denominadas, no ano de 1963, de Premissas Socioculturais, sendo mais tarde chamadas de Escala de Premissas Histórico-Socioculturais (Díaz-Guerrero, 1972b). O Teste de Estilo de Vida foi elaborado por Díaz-Guerrero (1967b) no intuito de pesquisar tais constructos de maneira empírica, visando analisar o estilo de vida que caracteriza a personalidade dos sujeitos. Pode ser utilizado para a medição de cinco construtos que compõem um conjunto de traços psicossociais, sendo eles, respectivamente: autoconceito; locus de controle; orientação ao êxito/evitação ao fracasso; bem-estar subjetivo; e enfrentamento aos problemas.

Assim, Díaz-Guerrero (1980) explica que há um ecossistema sociocultural que nos possibilita o entendimento do desenvolvimento de cada sujeito e que demonstra também a evolução do sistema social ao qual pertence. O autor destaca o nível de complexidade do ecossistema cultural ao salientar a relevância de variáveis culturais, econômicas e estruturais que influenciam esse ecossistema humano. Em seus estudos, também evidencia a conexão intrínseca existente entre o sujeito e seu contexto cultural, sendo considerada por ele uma variável de máxima relevância na construção de conceitos dos indivíduos.

Em diálogo com o Díaz-Guerrero, a pesquisadora parte de sua experiência na Casa da Mulher Brasileira (CMB) por um período de um ano e três meses de convívio diário com mulheres vítimas de violência. Esse período permitiu vivenciar e observar as dimensões que a violência alcança e a fragilidade do contexto familiar. A CMB foi inaugurada em 03 de fevereiro de 2015, na cidade de Campo Grande – MS, possuindo estrutura apropriada, voltada

para a proteção e o enfrentamento da violência contra a mulher no ambiente familiar. Essa oportunidade de trabalho suscitou o interesse em encontrar outra perspectiva para compreender os problemas e dificuldades que essas mulheres enfrentam. Surgiu, assim, a necessidade de uma elucidação sobre a violência contra a mulher, não apenas com enfoque na prevenção, mas em termos de um estudo psicossocial mais aprofundado.

Destaca-se que esta pesquisa não tem pretensão de diagnosticar e solucionar problemas referentes à violência contra a mulher, mas apurar, em âmbito social sobre um aspecto específico que forma nossa sociedade: a percepção do machismo. E, a partir de então, contribuir com discussão própria e dispor para a posterioridade um ponto de vista histórico e social. Em outras palavras, não é foco dessa pesquisa esgotar completamente o assunto sobre a violência contra a mulher, papéis de gênero, igualdade de gênero, ou mesmo, os temas recorrentes da aplicação desta pesquisa, mas, ao contrário iniciar um debate.

Cabe também indicar que esse trabalho se relaciona com o projeto de pesquisa “Um modelo de qualidade de vida para adolescentes do México e do Brasil, e sua Relação com os Recursos Psicológicos das Premissas Histórico-Socioculturais” desenvolvido pelos professores Dr. Francisco Velasco (Universidad de Sonora), Dra. Heloísa Bruna Grubtis Greite (Universidade Católica Dom Bosco), Dr. Jesús Tánori Quintana (Instituto Tecnológico de Sonora), Dr. José Angel Vera Noriega (Universidad de Sonora), Ms. Renan da Cunha Soares Júnior (Universidade Católica Dom Bosco) e Ms. Thiago Müller da Silva (Universidade Católica Dom Bosco). O projeto citado tem por objetivo determinar os níveis de satisfação dos adolescentes em período final do ensino fundamental de escolas públicas de Campo Grande – MS e Hermosillo, México.

Portanto, a aplicação aqui realizada, por conexão ao projeto supracitado, é direcionada a pesquisa com adolescentes, também tendo em vista que a adolescência é uma fase da vida caracterizada por importantes mudanças de maturação biológica e sexual, sendo o indivíduo

posto frente a outros enfrentamentos, como dificuldades de cunho psicológico e social. Portanto, uma fase de questionamentos importantes e de formação de hábitos e condutas, que irão nortear a adequação do sujeito à sociedade, incluindo, nesse sentido também a noção referente aos papéis de gênero. Nesse âmbito em específico, pode-se apontar para formação de identidade que perpassa a compreensão social daquilo que se entende por homem e mulher.

Tem-se a compreensão de que o Brasil é uma sociedade estruturada como patriarcal, cujas representações de gênero seguem rígidas estruturas hierárquicas, cuja base material é perceptível tanto nos espaços sociais quanto nas relações interpessoais, onde ao homem é dado o direito de subjugar o sexo feminino (Saffioti, 2004). Por patriarcado se compreende um sistema de dominação e exploração de cunho social, não restrito ao seio familiar, que, já em nível subjetivo, admite esta exploração e subordinação da mulher (Morgante & Nader, 2014). Em uma sociedade patriarcal – ou seja, cujo gênero masculino seja o padrão privilegiado, em detrimento do gênero feminino – os homens detêm o poder. Este poder é o que determina quais condutas devem ser seguidas pelas categorias sociais. De acordo com Saffioti (2001), a ordem é assegurada também por agentes sociais subalternos, fazendo com que não tenha necessidade da presença física masculina para funcionamento social.

Diante dessa perspectiva, por gênero, entende-se uma categoria histórica que abrange símbolos culturais de representação, conceitos, normas, significados, construções objetivas e subjetivas que pressupõe divisão assimétrica com base na oposição do sexo masculino e feminino (Saffioti, 2004). Follador (2009) apontará como construção social que delimita papéis e seus desempenhos, portanto, uma convenção social, histórica e cultural, ou seja, não se estrutura na diferença unicamente biológica. A desigualdade das relações entre homem e mulher, portanto,

... tem uma base material que se expressa, por exemplo, nos fenômenos de desigualdades salariais entre homens e mulheres no mesmo cargo e na

feminização da pobreza; a problemática de que não se trata apenas de uma questão subjetiva e que se firma atrelado a ideologia dominante do sistema capitalista que violenta, explora e oprime. (Almeida, 2010, p. 25).

No Brasil, destaca Follador (2009), colonizado por ocidentais cujos valores europeus foram perpetuados, à mulher, no período colonial, é exigida a submissão, recato e docilidade, cujo estereótipo estabelecido é o contexto caseiro, a que cuida do lar, dos filhos, do marido e submissa ao homem. Por um lado, cabe o destaque de que este papel ideal não era privilégio de todas as mulheres brasileiras, tendo em vista que as mulheres marginalizadas (pobres, escravizadas, etc....) precisavam trabalhar e, portanto, tinham participação mínima no espaço público. Este, em fato, era destinado ao homem, provedor, chefe e atuante das esferas políticas e sociais. É ciência de que durante os séculos XIX e XX mudanças sociais, inicialmente na Europa e, posteriormente na América, permitiram a criação e ampliação de direitos e participação da vida pública por parte das mulheres. Estas principalmente as da classe elitizada começaram a dispor de educação e participação do contexto social.

Diante do exposto, busca-se aplicar uma escala baseada na proposta de Díaz-Guerrero, composta por cinco fatores: machismo, virgindade, relação de amor, obediência filial e educação; em um questionário denominado Satisfação Escolar em Estudantes de Escolas Públicas de Campo Grande – MS, contendo 229 questões de múltipla escolha, visando, em reforço ao já exposto, entender como o machismo é percebido por adolescentes.

Para tanto, se apresenta no primeiro capítulo a revisão bibliográfica da produção teórica de Díaz-Guerrero. Em segundo capítulo, propõe-se uma leitura da sociedade brasileira e a formação patriarcal da mesma a partir da conceptualização de cultura e contracultura proposta por Díaz-Guerrero. E partindo da hipótese que a sociedade patriarcal estabelece culturalmente as premissas comportamentais dos sujeitos e movimentos contraculturais, como o movimento feminista; é demonstrado no terceiro capítulo a pesquisa exploratória, cujo

instrumento utilizado é uma adaptação da Escala das Premissas Histórico-Socioculturais de Díaz-Guerrero, e seus resultados.

1. ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DE DÍAZ-GUERRO PARA A PSICOLOGIA

Com este capítulo pretende-se apresentar as discussões teóricas desenvolvidas pelo psicólogo Rogelio Díaz-Guerrero, uma vez que este é o aporte teórico que norteia a pesquisa, tanto em relação a revisão bibliográfica quanto a pesquisa aplicada. Segundo Alárcon (2010) Díaz-Guerrero, nascido no dia 03 de agosto de 1918, na cidade de Guadalajara, no estado de Jalisco no México, chegou à Cidade do México para estudar a carreira de cirurgião, diplomou-se na Universidade Autônoma Nacional do México em 4 de agosto de 1943. Em medicina recebeu uma bolsa para estudos de pós-graduação na Universidade de Iowa, Estados Unidos, onde concluiu mestrado e doutorado em neuropsiquiatria e psicologia, tomando a cadeira com Paul Huston Jacques Gottlieb, e neurologistas como Kenneth Spence, Kurt Lewin e Robert Sears.

A psicologia experimental foi sua área de pesquisa, aliada a influência de alguns de seus professores (Enrique Aragon, Ezequiel Chavez, Guillermo Dávila, Oswaldo Robles, Antonio Caso, Samuel Ramos e José Gaos). Ao retornar dos Estados Unidos, ingressou na Universidade Nacional Autônoma do México como professor nas escolas que o formaram: Medicina, Filosofia e Letras; abandonando-as gradualmente para se concentrar exclusivamente em Psicologia. Sendo professor e pesquisador emérito da Faculdade de Psicologia da Universidade Nacional Autônoma do México, recebeu distinção pelo Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia do México como National Emeritus Investigator, pela originalidade de suas pesquisas e por suas contribuições acadêmicas e científicas que elevaram o México à posição de líder da psicologia latino-americana. Foi também presidente da Sociedade Mexicana de Psicologia, sendo presidente e fundador da Sociedade Interamericana de Psicologia (Alarcón, 2010).

Desde os anos 40, Díaz-Guerrero publica pesquisa interessado na relação entre variáveis biológicas e comportamentais, discute o estudo sobre a formação internacional e mulher transcultural, dando origem aos estudos sobre inclusão da cultura na compreensão da

saúde mental. A partir dos anos 60, destaca-se seu interesse sobre a base sociocultural de comportamento e a necessidade de definir conceitos culturais, medidas válidas e objetivos para pesquisar a sociedade. Com o passar dos anos 70, o ideal de combinar perspectivas interculturais de psicologia com a necessidade de influenciar na resolução de problemas substanciais de desenvolvimento educacional, social, econômica e individual de consolidar, fez Díaz-Guerrero e seus colegas realizarem e publicarem pesquisas nesse âmbito. Nos anos 80 o pesquisador foi reconhecido pelas descobertas trans e intraculturais de conteúdo sólido e robusto no contexto do processo teórico em psicologia latino-americana.

É autor de 484 artigos publicados em revistas científicas, apresentados em conferências na área da psicologia e 65 capítulos de livros, é autor e coautor de mais de 30 livros, figurando entre as principais obras “Estudos de Psicologia do Mexicano” (Díaz-Guerrero, 1961), “Rumo a uma teoria histórico-bio-psico-sócio-cultural do comportamento humano” (Díaz-Guerrero, 1972a), “Sob as garras da cultura: psicologia do mexicano” (Díaz-Guerrero, 2003), “Desenvolvimento da personalidade em duas culturas: México e Estados Unidos” (Holtzman, Díaz-Guerrero, & Swartz, 1975), “Etnopsicologia: scientia nova” (Díaz-Guerrero & Pacheco, 1994) e “O mundo subjetivo dos mexicanos e americanos” (Díaz-Guerrero & Szalay, 1993).

Para tanto, busca-se demonstrar a trajetória de Rogelio Díaz-Guerrero, ao apresentar a origem e conceituação das Premissas Histórico-Socioculturais, o teste de estilo de vida, a pesquisa transcultural, a etnopsicologia e a evolução do machismo no México no decorrer do tempo.

A grande contribuição de Díaz-Guerrero para a psicologia latino-americana bem como sua pesquisa que investiga aspectos culturais, históricos e sociais para compreensão da subjetividade humana, justifica a revisão de sua obra em contexto brasileiro. Uma vez que propicia ampliar não apenas conhecimento, como adquirir um método de leitura da sociedade

que, por sua vez, auxilia a análise da mesma e consequentemente, possibilidades de intervenção e melhoria.

1.1. Um olhar sobre a trajetória de Rogelio Díaz-Guerrero na Psicologia

No México, a segunda década do século XX foi caracterizada por anseios literários e filosóficos de intelectuais, expressados na forma de produções de ensaios e reflexões, marcadamente desvelando a temática do comportamento do homem mexicano. Díaz-Guerrero procurou trabalhar neste mesmo sentido em suas pesquisas, porém utilizando uma abordagem metodologicamente científica para estudar o modo de ser do indivíduo mexicano, demonstrada com a publicação de seu primeiro livro intitulado: “Estudos de psicologia do mexicano”, em 1961. Após 42 anos de pesquisas, em 2003, publica seu último livro acerca do tema: “Sob as garras da cultura: psicologia do mexicano”, no qual reitera sobre os vínculos profundos existentes entre a cultura e o comportamento humano (Alarcón, 2010).

Sob o entendimento da psicologia como extensão natural da biologia, somente se pode obter a compreensão dos modos de ser do sujeito, isto é, assimilar a operacionalização de seus processos de cognição, aprendizagem, percepção, etc., por meio da efetivação das premissas nas atividades vitais humanas (Sá, 1984).

Desse modo, estabelece-se a conexão entre as ciências biopsicológicas e sócio-histórico-culturais, tornando desnecessário o caráter absolutista expresso por ambas no decurso de seu desenvolvimento. Sá (1984) assevera que cabe lembrar, sobretudo, aos profissionais da psicologia que:

o “como os indivíduos chegam a se comportar de certos modos” não constitui um tema do estudo menos nobre que o do “porque o fazem”, mormente quando, por um processo cientificamente legítimo de abstração, os “comos” podem ser conceitualizados em termos universais e trans-históricos, em nítido contraste com o

particularismo e a não permanência que caracterizam extensamente os “porquês”. (p. 32).

A pesquisa de Díaz-Guerrero tem início por meio da realização de análise de frases mexicanas empregadas na linguagem informal, as quais foram obtidas através de discursos comumente utilizados pelos sujeitos na comunicação cotidiana, como por exemplo: ditos populares, provérbios, crenças e concepções acerca do viver, modos de enfrentar dificuldades e percepções advindas de interações sociais. Díaz-Guerrero chamou essas vivências manifestadas na linguagem natural dos sujeitos de Premissas Histórico-Socioculturais.

1.2.As premissas histórico-socioculturais desenvolvidas por Díaz-Guerrero

As premissas histórico-socioculturais compõem um repertório de crenças e valores que se configuram como regras e normativas, as quais determinam as funções a serem desempenhadas por cada sujeito nas dinâmicas coletivas produzidas, bem como os tipos de confrontação estabelecidos na sociocultura (Alarcón, 2010). Seu estudo é muito necessário porque desempenha um papel-chave para os avanços das pesquisas em psicologia, pois possibilita a compreensão do comportamento individual, sendo também um campo potencialmente importante para analisar a coletividade sociocultural.

Os indivíduos apropriam-se das premissas histórico-socioculturais de seu meio social, ocasionando um processo de aprendizagem culturalmente prévio, essas premissas são então internalizadas e mantidas como proposição fidedigna, de acordo com determinado contexto histórico. Estes conhecimentos adquiridos são repassados aos demais membros da coletividade como patrimônio cultural, tanto na esfera familiar como da sociedade em geral, definindo-se assim como a normatividade de maior relevância dentro do ecossistema humano (Alarcón, 2010).

Segundo Martínez (2007), nos aportes teóricos tradicionais hegemônicos da sociologia do século XX, concebe-se uma relação causal existente entre regras e práticas sociais, resumidamente exemplificadas na seguinte assertiva: o indivíduo segue determinado objetivo ditado pelos valores presentes em seu meio cultural, para tanto, adaptando-se a regras sociais, como por exemplo, em uma determinada situação em que todos devem agir de uma determinada maneira – tida como a ação de sempre –, ou seja, segue um padrão, obedece a uma norma previamente estabelecida e aceita como certa pelos demais.

Deste modo, as regras da cultura são admitidas como padronizações das práticas sociais, estando essa relação fundamentada sob duas propostas: a primeira delas, bastante difundida no campo das ciências sociais, refere que a ação do indivíduo diante deste contexto é intencional; a segunda, que complementa a primeira premissa, porém não está diretamente ligada a ela, defende que o que guia a ação consiste em uma resposta às regras já internalizadas pelo indivíduo (Martínez, 2007).

As premissas histórico-socioculturais aproximam-se enormemente de comportamentos concebidos como tendências a pensar, perceber ou proceder de uma forma pré-determinada; contudo, parecem mais com elaborações advindas da cognição do que meros constructos comportamentais (Díaz-Guerrero, 1967a, 1974, 1980a, 1982a, 1986a). Portanto, “são persistentes, supra-individuais, constituem uma linguagem de grupo e agem como determinantes sociais do pensamento” (Alarcón, 2010, p. 557, tradução nossa). E destaca-se que as premissas histórico-socioculturais se caracterizam por possuir validação transitória, pois, ao caírem na obsolescência, são refutadas e trocadas por outras mais condizentes com a contemporaneidade, em um claro acompanhamento do transcorrer do tempo.

No estudo relativo às Premissas Histórico-Socioculturais, Díaz-Guerrero dimensionou as consequências suscitadas pelos avanços da sociocultura sobre o comportamento humano, sobretudo, no tocante à afetividade, às ações e aos princípios. A fim de instrumentalizar sua

teoria, começou a analisar os discursos habituais empregados pelos indivíduos, tais como crenças socialmente aceitas e repetidas, ditos populares e formas de manejar os problemas enfrentados na vida diária.

Foi nesse intuito que Díaz-Guerrero e Trent deram início à elaboração de um questionário contendo 123 afirmações, as quais foram denominadas, no ano de 1963, de Premissas Socioculturais, sendo mais tarde chamadas de Escala de Premissas Histórico-Socioculturais (Díaz-Guerrero, 1972b).

Segundo Alarcón (2010), a aplicação da Escala foi realizada em inúmeras oportunidades, tendo como participantes grupos de alunos pertencentes ao Ensino Médio da Cidade do México, possibilitando a análise fatorial de nove características ou fatores comportamentais, sintetizados a seguir:

1 Machismo: concordância com afirmações indicando que as mulheres devem ser dóceis, submissas, menos inteligentes e inferiores aos homens; 2 Obediência afiliativa:.... obediência absoluta ao pai e à mãe ...; 3 Virgindade: importância atribuída ao sexo antes do casamento; 4 Abnegação: mulheres sofrem mais na vida do que os homens e são mais sensíveis; 5 Medo de autoridade: grau em que o sujeito sente que, em sua cultura, as crianças temem aos pais; 6 Status quo familiar: fidelidade entre os cônjuges, meninos e meninas preferem ser como seus pais, as mulheres devem ser protegidas, assim como honra da família; 7 Respeito o amor: mais importante respeitar e obedecer do que amar os pais; 8 Honra da família: fidelidade da esposa, honra familiar e punição severa por desonra; 9 Rigidez cultural: educação dos filhos, mulheres casadas não devem trabalhar fora. (Alarcón, 2010, pp. 558-559, tradução nossa).

Com a observação das Premissas Histórico-Socioculturais, durante os anos de 1959, 1970 e 1994, Díaz-Guerrero (2003), pode perceber uma queda de porcentagem na utilização

de determinadas premissas, indicando a ocorrência de uma mudança cultural. Como pode ser verificado no caso das percepções sobre machismo, cujas manifestações obtiveram um decréscimo bastante significativo, ao longo do tempo, observável, para fins de exemplificação, no item: “O homem deve vestir as calças na família” que, no ano de 1959, recebeu 72% de apoio e declinou para 19,4% em 1994. Em outro item: “É muito melhor ser do sexo masculino do que feminino”, a concordância que, em 1959, era de 74% decresceu para 21,2% em 1994.

Segundo Díaz-Guerrero (2003), as premissas relativas à obediência dos filhos aos pais e à importância da virgindade das mulheres antes do casamento também obtiveram índices menores, contudo, nada se comparando com o declínio da premissa sobre machismo. Tais análises possibilitaram o reconhecimento de um conjunto de crenças, comportamentos e valores evidenciados entre os mexicanos, demonstrando ainda que as representações socioculturais podem sofrer modificações em ritmos diferentes.

As premissas apresentam afirmações que evidenciam como deve ser o comportamento dos indivíduos, sendo percebidas como regras, normativas de uma sociedade. Entre elas, existem também sentenças representativas do pensamento aceito pela maior parte dos sujeitos, dando claros indicativos do que se considera certo e adequado, de acordo com o que a maioria acredita, ou seja, as crenças socialmente aceitas (Garduño, et al., 2015). Desse modo, uma premissa psico-sócio-cultural trata-se de uma declaração simples ou mais elaborada que contém a fundamentação da lógica que orienta o pensamento e as crenças da coletividade. A apropriação destas premissas ocorre como uma aprendizagem advinda de figuras de autoridade, devido ao significado que carrega dentro de um determinado espaço cultural e por serem reforçadas pelos representantes adultos que integram este meio.

As premissas histórico-socioculturais são definidas como premissas prescritivas, visto que possuem efeitos imperativos, indicando ordens, ditados, contudo, também existem as

premissas referentes ao estilo de confrontação, que determinam o modo como se dá o enfrentamento do sujeito diante das adversidades que lhe são apresentadas.

Alarcón (2010) esclarece que, através dessas premissas, o sujeito responde aos impulsos que recebe do contexto social do qual participa e que a percepção de suas demandas biopsicológicas, por sua vez, suscita sua aprendizagem no sentido de posicionar-se frente aos agentes de socialização, concordando ou contrapondo-se a eles. Segundo Díaz-Guerrero, podemos identificar, predominantemente, dois estilos de confrontação das problemáticas, classificadas por ele em estilo passivo ou ativo.

Os indivíduos desenvolvem-se integrando determinado contexto social, no qual aprendem a se apropriar das normas de comportamento adotadas pelas pessoas que compõem este círculo de convivência. Assim, conhecer os agentes de socialização que fazem parte de seu ambiente social propicia a compreensão das motivações e resultados de seu comportamento (Palacios & Martínez, 2017).

Em outras palavras, esses estudos desenvolvidos por Díaz-Guerrero permitem vislumbrar o movimento da mudança de premissas que regem a sociedade. Ou seja, as premissas já estabelecidas na sociedade (como, por exemplo, a obediência feminina ao homem) ao entrar em contato com as mudanças sociais, psicológicas e históricas (que ocorrem naturalmente) são modificadas. Por consequência, modificam os conteúdos internalizados pelos indivíduos inseridos em determinada sociedade.

A compreensão do comportamento das pessoas só é possível a partir da análise das interações psicossociais dos sujeitos derivadas da cultura às quais pertencem (Palacios & Martínez, 2017). As relações estabelecidas entre os membros de determinado grupo sociocultural incluem, dentre outros fatores, o seu nível de concordância com as premissas específicas daquela cultura (Díaz-Guerrero, 1982b). Dessa forma, os sujeitos considerados socioculturais ativos operam diante das dificuldades de seu contexto de interações sociais,

tentando alterar as situações e estados causadores de tensão, modificando-os. Os sujeitos socioculturais passivos, em contrapartida, costumam resignar-se frente ao que lhes acontece, revelando uma atitude adaptativa e voltada para a modificação de si mesmos. Esta é a chamada dicotomia ativo-passiva proposta por Díaz-Guerrero (Alarcón, 2010).

Díaz-Guerrero (1996), a partir de seus estudos, esclarece que a personalidade do mexicano aparece para admitir o é que ditado por sua cultura, sendo isso demonstrado por seu nível de aceitação ou rejeição às premissas histórico-socioculturais que, por sua vez, interferem diretamente sobre seu comportamento subjetivo.

Quanto aos seus aspectos individualizantes, o mexicano aprenderá a obedecer ou a se insurgir, dando origem a um estilo de confronto empregado na dicotomia ativo-passivo, utilizado para solucionar as dificuldades enfrentadas em sua cultura, ou seja, o indivíduo confronta suas próprias demandas com os ditames pertencentes à sua cultura. Tal estilo de confrontação orienta a sua personalidade naquele espaço, no decorrer de seu desenvolvimento sob aquele ecossistema do qual participa (Palacios & Martínez, 2017).

As pesquisas propostas por Díaz-Guerrero desvelaram a existência de um quantitativo deveras significativo concernente à diversidade encontrada nas análises comparativas entre os resultados advindos de sujeitos americanos e mexicanos, demonstrando que há muitas diferenças quanto ao desenvolvimento da cognição, da percepção e da constituição da personalidade, que se devem, sobretudo, a aspectos predominantes em cada uma das culturas, especificamente.

O estudo das premissas histórico-socioculturais de Díaz-Guerrero foi fundamental para a compreensão acerca de como pensam as pessoas mexicanas e, principalmente, porque oportunizaram conhecer e entender quais são os fatores culturais que motivam e norteiam as ações dessas pessoas, fazendo com que pensem e ajam de determinadas maneiras (Palacios & Martínez, 2017).

Do mesmo modo, possibilitou aprofundar o desenvolvimento de pesquisas referentes à psicologia do povo mexicano, propiciando o surgimento de novas hipóteses a serem pensadas e comparadas. Concomitantemente, segundo Alarcón (2010), permitiram e promoveram a consolidação do posicionamento culturalista, suscitado pelas investigações de Díaz-Guerrero na psicologia.

1.3. O teste de estilo de vida

O Teste de Estilo de Vida foi elaborado por Díaz-Guerrero (1967b) no intuito de pesquisar tais constructos de maneira empírica, contendo itens que descrevem as síndromes ativo-passivas. Em sua pesquisa com os estudiosos americanos Peck, Holtzman e Swartz, Díaz-Guerrero empreendeu várias pesquisas analisando os aspectos existentes entre indivíduos mexicanos e americanos, desvelando os fatores que integram, respectivamente, as culturas passiva e ativa.

A análise fatorial dos dados identificou quatro fatores: autoafirmação ativa versus obediência afiliativa; controle interno ativo versus controle externo passivo; cautela passiva versus cautela ativa; e autonomia versus dependência. Os resultados mostraram que estudantes americanos usam o estilo ativo de confrontação, sendo mais autônomos; enquanto os estudantes mexicanos usam o estilo passivo, obediência afiliativa, sendo mais dependentes. (Alarcón, 2010, p. 562, tradução nossa).

Para analisar o estilo de vida que caracteriza a personalidade dos sujeitos, podem ser utilizados para sua medição cinco construtos que compõem um conjunto de traços psicossociais, sendo eles, respectivamente: autoconceito; locus de controle; orientação ao êxito/evitação ao fracasso; bem-estar subjetivo; e enfrentamento aos problemas.

1.3.1. Autoconceito

O autoconceito trata-se de um construto fundamental para o entendimento e análise do comportamento dos seres humanos, sobretudo, ao ser compreendido como um mecanismo do qual fazemos uso cotidianamente e em todos os tipos de contrariedades e questões a que somos acometidos em nossas vidas (Díaz-Loving, 2002).

O autoconceito corresponde ao repertório de compreensões, crenças e juízos de valor que o indivíduo possui em relação a si próprio, bem como as modificações que o acompanham no decorrer do tempo, exercendo uma função essencial na concepção que mantém sobre si, norteando sentimentos e comportamentos relacionados a essa ideia (Noriega, Rodríguez, Quintana, & Grubits, 2018).

1.3.2. Locus de controle

Os locus de controle correspondem à capacidade que o sujeito tem de perceber possuir meios para modificar substancialmente os acontecimentos, não significando que os indivíduos necessitem, de fato, exercer controle sobre os eventos que lhe são significativos, porém que tenham consciência de serem possuidoras deste controle, visto que esta capacidade perceptiva quanto ao controle é o núcleo que norteará suas respostas (Noriega, Albuquerque, Laborín, Oliveira, & Coronado, 2003).

O nível em que o indivíduo considera que sua vida está sob o controle de si mesmo ou de terceiros corresponde a uma dimensão significativa das variáveis subjetivas humanas. Os que consideram que seu destino está sob sua responsabilidade, possui locus de controle interno; já aqueles que atribuem o que lhes acontece de positivo e de negativo a elementos externos a si, tais como: sorte, azar, poder dos outros sobre si mesmo, norteia-se por um locus de controle externo (Noriega et al., 2003).

1.3.3. Orientação ao êxito/evitação ao fracasso

Entre os aspectos que podem ser utilizados para descrever os indivíduos movidos para alcançar um elevado grau de desempenho, ou seja, orientados para o êxito, encontra-se uma acentuada determinação pessoal para atingir objetivos claros e bem definidos, sendo capazes de aproveitar ao máximo seu potencial, enfocando realmente apenas atividades que confirmem suas altas habilidades (Álvarez, Noriega, Albuquerque, Pimentel, & Dantas, 2006).

Por sua vez, os indivíduos que possuem baixo êxito possuem a tendência se sentirem sem motivação, sobretudo, em virtude de sua necessidade de evitar a vivência de situações que lhes façam se sentir fracassados. Devido a isso, procuram participar de atividades mais simples, nas quais dificilmente fracassarão, ou então, atividades com um grau de complexidade tão elevado, que não haverá um julgamento alheio tão acentuado sobre o seu erro, se ocorrer, visto que pouquíssimos obtém êxito naquela atividade mesmo (Álvarez et al., 2006).

Na década de 50, McClelland, Atkinson, Clark e Lowell começaram a estudar o segundo grupo de motivos sociais criados por Murray, interessados em três motivos básicos: conquista; poder; e afiliação. Esses autores relatam que, durante a socialização, as pessoas adquirem dois motivos relacionados à conquista. A primeira é a razão do sucesso e refere-se à tendência de cada pessoa em buscar o sucesso e suas consequências afetivas positivas. A segunda dessas razões é a prevenção de falhas, que se refere à tendência de evitar as consequências afetivas negativas de fracassar e não alcançar o sucesso (Carver & Shéier, 1997, Cofer & Appley, 1971).

A diferença entre essas tipologias é que, quando o primeiro tende a maximizar os ganhos potenciais do sucesso alcançado, enquanto o último tende a minimizar as consequências nocivas do fracasso. As previsões oferecidas por esse modelo foram, em

primeiro lugar, reconhecer que pessoas com alta necessidade de realização tendem a se incorporar em tarefas que provam suas habilidades, e as pessoas com baixa necessidade de realização tendem a evitar tarefas que provem suas habilidades. A segunda predição foi: identificar quais tarefas com dificuldade moderada percebida permitem ativar o motivo de conquista dominante do indivíduo; onde aqueles indivíduos caracterizados pelas abordagens do sucesso preferem e buscam tarefas de dificuldade moderada; enquanto indivíduos caracterizados por evitar falhas preferem tarefas de dificuldade alta ou baixa e evitam tarefas de dificuldade moderada (Carver & Shéier, 1997). O que foi dito acima foi possível graças à personalidade orientada para alcançar aquele com uma alta tolerância a frustração.

1.3.4. Bem-estar subjetivo

O bem-estar subjetivo corresponde a um extenso conjunto de fenômenos que integram reações emocionais e julgamentos sobre a satisfação relativa à vida. Diz respeito, portanto, à perspectiva que os indivíduos têm sobre suas próprias vidas, conforme as vivências afetivas positivas e negativas que obtiveram, e o nível satisfatório que advieram destas experiências (Albuquerque, Noriega, Martins & Neves, 2008).

Dessa forma, o bem-estar subjetivo possui dois aspectos que lhe fundamentam: os componentes afetivo e cognitivo. O afetivo diz respeito a características emocionais, que podem suscitar emoções boas e agradáveis, tais como sentimentos de alegria e orgulho (afetos positivos), e desagradáveis e ruins, como tristeza e culpa (afetos negativos) (Albuquerque et al., 2008). O cognitivo corresponde a elementos ligados à racionalidade ou à intelectualidade sobre a vida da pessoa, abarcando um estado satisfatório global e um específico, voltado a âmbitos como vida amorosa, profissional e amizades. Desse modo, este construto é constituído, em suma, pela satisfação com a vida de maneira geral e também em áreas mais específicas, e por um elevado grau de afetos positivos e menor nível de afetos negativos (Albuquerque et al., 2008).

1.3.5. Enfretamento aos problemas

Em muitos casos, os indivíduos que evitam obter episódios de sucesso em suas experiências de vida não se sentem suficientemente motivadas para assumir riscos ou mesmo se responsabilizar com consequências adversas que possam vir a ocorrer, assim, desvalorizando por completo os estímulos compensatórios que podem conquistar através do sucesso. Ademais, são pessoas que não possuem muita tolerância à frustração, não se sentindo aptas a lidar com perdas, erros e fracassos, visto que se percebem com insuficiência de recursos internos para manejar com possíveis avaliações negativas e críticas do grupo ao qual pertencem, pois lhe causariam instabilidade emocional, suscitariam conflitos, colocando em risco o seu bem-estar (Noriega et al., 2018).

Sob a perspectiva do enfrentamento, este comportamento pode vir a ser positivo ou negativo, pois dependerá das estratégias utilizadas pelo indivíduo para solucionar suas questões e dificuldades. No enfrentamento positivo, empregar-se-á a administração da problemática de maneira direta e prática; já no enfrentamento negativo, o indivíduo tenderá a evitar todo e qualquer tipo de confronto, especialmente emocional (Noriega et al., 2018).

No entanto, os estudos de Díaz-Guerrero (1972a) não ficaram restritos apenas à pesquisa de campo e suas análises, visto que o pesquisador se debruçou na elaboração de conceitos psicológicos mais avançados, tais como a sociocultura, a síndrome do ativo-passivo, instalações históricas socioculturais e também a dialética cultura-contracultura, desenvolvendo uma teoria de sua própria autoria relativa ao surgimento do comportamento dos sujeitos.

A teoria proposta por Díaz-Guerrero configura-se como a primeira teoria psicológica acerca do comportamento humano da América Latina, embasada empiricamente e obedecendo ao viés culturalista da personalidade. Seus estudos contrapõem-se francamente às teorias da

personalidade que buscaram justificar o comportamento humano no próprio sujeito, tais como a psicanálise. Nesse sentido, esclarece Alarcón (2010):

Freud encontra em sua urdidura biopsíquica, Jung na trama biogenética racial; Horney e Sullivan nas relações interpessoais do indivíduo, particularmente dentro da família. Os psicólogos do ego veem a base do comportamento no conceito que os indivíduos têm de si mesmos e em sua estrutura. Inclusive, continua Díaz-Guerrero, Eysenck e Cattell, com seus trabalhos rigorosamente empíricos e estatísticos, eles não conseguiram superar o que ele chama de erro histórico (p. 563, tradução nossa).

Díaz-Guerrero defende a tese de que os estudos acerca do comportamento humano devem estar centrados no contexto histórico-cultural que permeia o sujeito ao nascer e a partir do qual obtém suas vivências, ou seja, a cultura configura-se como o elemento central para a compreensão da construção da personalidade do indivíduo. Para Díaz-Guerrero (1972a, p. 56), portanto, a cultura, ou melhor dizendo, a sociocultura consiste no “marco e motor fundamental do comportamento humano”.

Neste mesmo sentido e em conformidade com os estudos de Díaz-Guerrero, Oliveira e Trancoso (2014), na pesquisa sobre o “Processo de produção psicossocial de conceitos: infância, juventude e cultura”, reforçam o papel primordial exercido pela cultura na vida humana. Segundo os autores:

Os estudos sobre a sociedade, as pessoas que a compõem e os conceitos com os quais essas pessoas lidam devem passar obrigatoriamente pela compreensão da cultura dessa sociedade, das subculturas existentes e, ainda, das formas como, individualmente, as pessoas lidam com as questões e demandas colocadas diante delas pela relação cultural ao longo do seu processo histórico. (p. 25).

O contexto sociocultural específico no qual o indivíduo nasce e se desenvolve se torna a sua base no mundo, o alicerce de concepções e ideias que sustenta o seu repertório de

pensamentos, atitudes, discursos e crenças. A sociocultura estabelece os parâmetros de certo e errado, determinando quais são as normas e regras de comportamento aceitas, desejáveis e que devem ser respeitadas por todos (Palacios & Martínez, 2017). Assim, o comportamento social é direcionado, guiado, sendo previamente definido, ditado pela coletividade, mesmo que de maneira parcial, mas sempre de acordo com os princípios e imperativos que regem a comunidade (Díaz-Loving, 2006).

Para Díaz-Guerrero (1982b), a cultura é compreendida como um sistema de normas que atua por meio de premissas inter-relacionadas, de relações interpessoais, de papéis sociais que são desempenhados pelos sujeitos, de regras que ditam como devem ser as interações e como se deve agir perante as situações, do mesmo modo, indicando como os indivíduos devem experimentar e manifestar as suas emoções.

Por exemplo, os resultados do estudo de Sánchez-Aragón e Díaz-Loving (2009) revelaram que, em episódios de raiva, a amostra de participantes de sua pesquisa realizada com indivíduos residentes da Cidade do México, reconheceu um conjunto de concepções e filosofias culturalmente pré-estabelecidas (premissas), que influenciam a ideia da emoção de raiva que possuem internalizadas consigo, assim como o jeito que esta emoção deve ser manifestada e normatizada. Dentre estas premissas identificadas, puderam ser verificadas as seguintes:

... alteração, que inclui a ideia de que quando as pessoas ficam com raiva, devem ficar de mau humor ou discutir com os outros; reflexão, que enfatiza que, quando uma pessoa está com raiva, deve pensar e analisar a situação; controle, indicando que, ao sentir raiva, as pessoas devem tentar se controlar ou se acalmar; e terapia ocupacional, o que implica que as pessoas, ficando com raiva, devem realizar alguma atividade para diminuir a intensidade da experiência emocional. (Pérez & Aragón, 2014, p. 182, tradução nossa).

Segundo Díaz-Guerrero (1972a), ao questionarmos uma pessoa sobre porque age de certo modo diante de determinada pessoa ou circunstância, ela poderia responder, por exemplo, que se deve comportar de determinada maneira perante alguém mais velho, uma vez que aprendeu esse comportamento ao longo de sua experiência de vida. Esse modo de agir do indivíduo é determinado por uma premissa sociocultural que corrobora essa determinada maneira de comportamento. No entanto, o autor considerava que os conceitos dados à palavra “cultura”, palavra-chave em sua teoria, não eram abrangentes o suficiente para abarcar tudo o que ela significava. Diante disso, revisitou várias concepções existentes elaboradas por outros pesquisadores, sempre as considerando deficitárias e incompletas para suas finalidades. Segundo explica Alarcón (2010), Díaz-Guerrero estava em busca de uma definição que abarcasse um escopo prático, que pudesse embasar e melhor operacionalizar suas pesquisas, alcançando seu intento no constructo sociocultura que elaborou.

Em um relato autobiográfico, o próprio autor ajuda-nos a compreender os caminhos que percorreu para conceber sua teoria, ao revelar:

Desde jovem, eu tinha provérbios que, particularmente, me fascinavam, ditos populares, admoestações e expressões que os meus avós, tias e pais utilizavam no cotidiano. Posteriormente, em meio à necessidade de desenvolver um estudo rigoroso do fenômeno da abordagem sociocultural, esta sabedoria pareceu-me, talvez, uma das expressões mais claras e precisas da herança de conhecimento, dos modos de ser, das regras de agir e sentir, aplicável a membros de uma cultura. (Díaz-Guerrero, 1972a, p. 32, tradução nossa).

Assim, foi sendo traçado o núcleo-central de sua abordagem, evidenciando-se que o conhecimento acerca de uma cultura se dá por meio da análise dos modos de ser, sentir, agir e pensar daqueles que fazem parte dela. “Em suma, no pensamento de nosso autor, a cultura assume o papel de variável que estabelece as diferenças entre os vários conglomerados

humanos, que estão integrados em nações e nacionalidades” (Alarcón, 2010, p. 565, tradução nossa). Díaz-Guerrero intencionava adentrar no sentido da cultura propriamente dita, não mediante as perspectivas advindas dos renomados teóricos que estudara, mas pela compreensão do que a cultura revelava sobre si.

Para ele, as respostas que tanto buscava podiam ser encontradas nas expressões verbais habitualmente utilizadas e na observação do comportamento natural dos indivíduos. De acordo com o autor, as premissas socioculturais presentes em uma determinada sociocultura fornecem, em grande parte dos casos, o entendimento das motivações que conduzem o comportamento humano.

1.4. Os caminhos da pesquisa transcultural

As diversidades nas condutas humanas ocasionadas pelo sistema cultural podem ser verificadas por meio da confrontação de informações levantadas através de pesquisas empíricas, analisando determinado comportamento em pessoas advindas de contextos sociais diferentes. Assim, a generalização dos resultados alcançados, o ponto inicial de onde partem os preceitos e determinações científicas se fundamenta em modelos muitos variados. Ou seja, conforme a diversificada cultural da amostragem, maior será o nível de validade que as generalizações possuem. Tais conceitos produziram ferramentas transculturais que validaram a elaboração de testes psicológicos, os quais permitiram investigar as características presentes em uma cultura específica, dando corroboração a constructos psicológicos que, por sua variabilidade, podem sofrer alterações de sentido de cultura para cultura (Alarcón, 2010).

A pesquisa transcultural foi mais amplamente desenvolvida e difundida no México, sendo Díaz-Guerrero o seu maior representante na América Latina. Díaz-Guerrero e o estudioso americano Wayne H. Holtzman dirigiram o maior projeto de pesquisa já realizado na América Latina, cuja investigação buscou apontar a relevância dos aspectos da cultura, do

contexto escolar e do espaço e características familiares no desenvolvimento da cognição e da subjetividade de crianças mexicanas e americanas em fase escolar (Holtzman, Díaz-Guerrero, & Swartz, 1975). Alarcón (2010) explica que projeto contou com a participação de 100 pesquisadores, tendo início em 1963 e com a duração de seis anos. Os resultados obtidos com a investigação possibilitaram observar diferenças presentes entre os participantes de ambos os países, as quais foram demonstradas em muitas dimensões psicológicas, sendo que características etárias, de gênero e de classe social influenciaram consideravelmente os resultados. Os achados transculturais revelam, de maneira deveras conclusiva, que cultura e personalidade se encontram intrinsecamente correlacionados.

1.5. A Etnopsicologia

Com base nos resultados de suas investigações empíricas e do trabalho realizado por demais colaboradores de suas pesquisas, Díaz-Guerrero (1994a) apresentou um conjunto de estudos e análises que o levaram à elaboração da etnopsicologia científica, cujo objeto de pesquisa são os aspectos metodologicamente verificáveis presentes em membros de grupos culturais, sociais, nacionais ou mesmo religiosos.

Chama-se etnopsicologia, pois pressupõe que os indivíduos se encontram inseridos e interagindo em um ecossistema bastante complexo, no qual a cultura é um elemento essencial e passível de mensuração, sendo esta a denominada dialética cultura-contracultura (Díaz-Guerrero & Pacheco, 1994).

A Etnopsicologia, concebida como uma nova ciência decorre de um conjunto de investigações, questionamentos e análises, tendo como núcleo de pesquisa a conexão entre cultura e personalidade empírica, contudo, suas proposituras já integravam os estudos desenvolvidos pelo autor e que podem ser encontrados em seu livro “Rumo a uma teoria histórico-bio-psico-sócio-cultural do comportamento humano” (Díaz-Guerrero, 1972a), no

qual explica que o objetivo basilar deste trabalho é estudar “... os efeitos fundamentais que a cultura exerce na personalidade humana, que nascem e se desenvolvem dentro dela, compondo sua etnopsicologia.” (Díaz-Guerrero, 1972a, p. 35, tradução nossa).

Desse modo, afirmar a existência de influência entre o sujeito e sua cultura possui a potência de um axioma (Díaz-Guerrero, 1995), o que faz com que nenhuma pessoa possa ser caracterizada de maneira isolada, visto que se transforma em sujeito, de fato, conforme insere e retira informações de seu ecossistema cultural (Díaz-Guerrero, 1994b). De acordo com esse entendimento, os sujeitos devem ser compreendidos tanto como agentes quanto pacientes das mudanças que acontecem no processo histórico-sociocultural do qual participam (Díaz-Guerrero, 1986b).

O enfoque da etnopsicologia está na idiossincrasia, pois busca reconhecer os aspectos predominantes na personalidade dos sujeitos. Díaz-Guerrero (1994a) explica a importância da etnopsicologia, ao assinalar que o estudo da psicologia da personalidade dos mexicanos, juntamente com o conhecimento de que a personalidade resulta da dialética entre a influência exercida pela cultura e as demandas biopsíquicas, possibilitam que seus progressos alcançados auxiliem na elaboração e implementação de programas visando impedir comportamentos prejudiciais (Alarcón, 2010).

Os conhecimentos obtidos por meio dessa abordagem permitem operacionalizar novas metodologias para tratar os efeitos da cultura sobre a cognição, o comportamento social e a subjetividade dos indivíduos, humana, no comportamento social e na personalidade dos indivíduos. Alarcón (2010) assevera que tais conhecimentos se correlacionam com os estudos considerados de caráter nacional.

Com isso, Díaz-Guerrero (1971) promoveu investigações no intuito de estabelecer etnopsicologias nos países que fazem parte da América Latina, sobretudo, voltado aos sujeitos

de determinada cultura, comunidade, povo ou nação, como no estudo das psicologias indígenas. Nesse sentido, segundo preleciona o autor:

Os psicólogos de países em desenvolvimento devem dedicar a sua atenção à sua própria cultura, em paralelo aos conceitos desenvolvidos na cultura anglo-americana, buscando identificar as características de seu povo e desenvolver conceitos que atendam às suas idiossincrasias. (Díaz-Guerrero, 1971, p. 13, tradução nossa)

Nessa perspectiva, alicerçou propostas para embasar o desenvolvimento de psicologias indígenas, ao afirmar que:

a) Uma psicologia começar aceitando que há um ecossistema humano específico. Ou seja, cada grupo social tem e se desenvolve em seu próprio ecossistema, distinto dos demais. Deve buscar a origem das diferenças humanas de personalidade no ecossistema onde o indivíduo cresceu, sendo a cultura aspecto importante do ecossistema humano e potencialmente mensurável; b) A cultura inclui um ecossistema subjetivo, com tradições, crenças, superstições, valores, normas e etnociência, que mantém um grupo cultural e um ecossistema alvo, com elementos de cultura material, como organizações, instituições e instrumentos materiais; c) A pesquisa etnopsicológica deve iniciar com a identificação e mensuração das Premissas Histórico-Socioculturais. A etnopsicologia deve seguir a abordagem da pesquisa científica, indispensável para a compreensão rigorosa do comportamento humano. (Díaz-Guerrero, 1989, 1994 citado por Alarcón, 2010, p. 567)

Dentro desta abordagem, portanto, as investigações norteiam-se sob os princípios teóricos etnopsicológicos que a sustentam, considerando-se nas pesquisas que as respostas dadas pelos indivíduos incluem aqueles comportamentos que se mantêm constantes, tanto no tempo quanto no espaço, os quais se encontram de acordo com os valores promovidos pela cultura nos sujeitos desde que nasceram, cuja evolução integra o seu repertório de

apropriações acumuladas no decorrer de suas existências, bem como comportamentos que podem variar conforme o contexto de atuação, obedecendo a demandas singulares de cada pessoa.

2. QUESTÕES ACERCA DA CONSTRUÇÃO PATRIARCAL E O MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL

Retomando alguns importantes pontos para a continuidade de nossas explanações, destaca-se que em pesquisa de abordagem etnopsicológica, arcabouço desenvolvido por Díaz-Guerrero, parte-se da compreensão de que as premissas histórico-socioculturais são crenças incontestáveis admitidas unanimemente por determinado grupo social e exercem função essencial para o entendimento da individualidade de cada componente. A cultura, então, é o que move o comportamento humano, e suas diferenças são essenciais.

O sujeito, nessa perspectiva, está inserido em um complexo ecossistema, e a cultura é fator significativo. Para Díaz-Guerrero (1967b) a sociocultura é um conjunto ou sistema de premissas que se encontra inter-relacionadas, representando tradições, hábitos, regras, crenças e valores que norteiam a cognição, a afetividade, a hierarquização dos vínculos pessoais, os modelos e papéis a serem cumpridos e as normas de convivência exigidas por determinado grupo social.

Por esta via, portanto, o indivíduo é percebido como receptáculo e também agente das mudanças que ocorrem durante o processo histórico-sociocultural, a partir da dialética da cultura-contracultura (Díaz-Guerrero, 1986a). Díaz-Guerrero (1980) apresenta o constructo cultura-contracultura a fim de indicar o conflito existente na cultura tradicional, que representa o conservadorismo e a ligação com a estrutura adquirida por herança, na qual se costuma viver segundo antigas premissas.

Por contracultura entendem-se como o enfrentamento de ideias conservadoras e bem estabelecidas na estrutura social. Enfrentar essas premissas antigas representa a abertura de mudança, ou seja, modernização e revoluções, seja no sentido científico, seja no sentido tecnológico ou social, em outras palavras, contracultura é uma antítese do tradicional (Alárcon, 2010).

O sistema de crenças e valores é ensinado no contexto familiar e social do qual o indivíduo faz parte, podendo ser definido como uma aprendizagem culturalmente precoce

internalizada e mantida como uma verdade em um período histórico específico, sendo repassado como capital cultural na esfera da família, na comunidade e na coletividade, consistindo assim em um dos aspectos constantes e os mais relevantes do ecossistema humano (Díaz-Guerrero, 1980). A função primordial exercida pelas variáveis históricas e socioculturais é moldar o comportamento, sem, no entanto, rejeitar as premissas biológicas ou genéticas herdadas, ainda que estas últimas não possuam tanto sentido de explicação do comportamento (Alarcón, 2010).

Díaz-Guerrero elaborou, em 1963, as chamadas Premissas Socioculturais, denominada depois como Escala de Premissas Histórico-Socioculturais (Díaz-Guerrero & Pacheco, 1994), com o intuito de medição das consequências advindas da sociocultura no comportamento humano, sobretudo, acerca dos sentimentos, condutas e valores e, a fim de fornecer operacionalização a esse constructo, buscando conhecer e analisar o discurso habitual dos sujeitos, provérbios, ditos popular, crenças e modos de enfrentar as dificuldades diárias (Alarcón, 2010).

Alarcón (2010) explica que através de análise fatorial – elaborada a partir de pesquisas realizadas por Díaz-Guerrero em grupos escolares na década de 60 –, foi possível reconhecer nove características presentes no comportamento dos participantes das pesquisas de Díaz-Guerrero: Machismo; Obediência afiliativa; Virgindade; Abnegação; Medo de autoridade; Status quo familiar; respeito o amor; Honra da família; Rigidez cultural. (Alarcón, 2010).

Essas características que Díaz-Guerrero destaca em seus resultados permitem apreender quais são os norteadores culturais que gerenciam o comportamento das pessoas diante da sociedade em que vivem. Em outras palavras, machismo, obediência filiativa, honra a família, rigidez cultural e os supracitados elementos são fortes aspectos que determinam o comportamento, a sociedade – por meio da cultura - oferece ao indivíduo a base de seu desenvolvimento, pensamento e ação.

Embora pareça natural estudar e entender o comportamento dos sujeitos com base nas relações funcionais existentes entre ele e sua sociocultura, ao invés de procurar elucidações a partir do próprio sujeito, no entanto, conforme nos lembra Díaz-Guerrero (1980), somos e nos comportamos segundo a cultura na qual nascemos e estamos inseridos. Diante dessa proposição, entende-se que é possível, dentre os pressupostos desenvolvidos por Díaz-Guerrero, perscrutar aspectos específicos da sociedade. Busca-se aqui articular a teoria desenvolvida por Díaz-Guerrero, a partir do conceito de sociocultura e contracultura, com o intuito de entender em que momento histórico no cenário brasileiro, e quais premissas norteiam mais detidamente o comportamento dos indivíduos.

Em suma, devemos rever conceitos e ações que contribuem para a desigualdade de gêneros e o aumento da violência praticada contra para a desigualdade de gêneros e o aumento da violência praticada contra as mulheres. Nesse sentido, é fundamental a importância que seja dada maior visibilidade aos serviços de apoio às violações dos direitos humanos das mulheres.

2.1. Formação da Sociedade Patriarcal: elementos socioculturais

Essencialmente, em uma sociedade patriarcal, ocorre o estabelecimento de representações de gênero que seguem rígidas estruturas de hierarquia, cuja base material é perceptível, tanto nos espaços sociais, quanto nas relações interpessoais, onde ao homem é dado o direito de subjugar o sexo feminino (Saffioti, 2004). Ou seja, quando o gênero masculino seja o padrão privilegiado, em detrimento do gênero feminino os homens detêm o poder. Este poder é o que determina quais condutas devem ser seguidas pelas categorias sociais. De acordo com Saffioti (2001, p. 116) “a ordem patriarcal de gênero, rigorosamente, prescinde mesmo de sua presença física para funcionar. Agentes sociais subalternos [...] asseguram a perfeita operação da bem azeitada máquina patriarcal”.

Por gênero, entende-se uma categoria histórica que abrange símbolos culturais de representação, conceitos, normas, significados, construções objetivas e subjetivas que pressupõe divisão assimétrica com base na oposição do sexo masculino e feminino (Saffioti, 2004).

Nas relações conjugais e de namoro na cultura machista e patriarcal, o homem muitas vezes é violento, como forma de manter o seu poder e continuar sendo a pessoa que dita as regras da relação. Ele justifica essa violência pela necessidade de manter a ordem e a disciplina. Por isso que frequentemente usa termos como “eu avisei, conversei antes”. Não sendo obedecido, parte para a agressão, bate. Os homens pensam que precisam agir para controlar suas mulheres e, assim, garantir o comportamento correto delas. (Taquette & Vilhena, 2006, p. 8).

Durkheim (1999) afirma que seguindo a modernização social, o casamento se desenvolveu, o trabalho – baseado no sexo biológico – foi se tornando cada vez mais dividido, pois se a princípio se restringia às funções sexuais, aos poucos a mulher “retirou-se da guerra e dos negócios públicos e sua vida concentrou-se inteira no interior da família. Desde então, seu papel especializou-se cada vez mais. Hoje entre os povos cultos, a mulher leva uma existência totalmente diferente da do homem” (Durkheim, 1999, p. 26). Atribuindo biológica e psiquicamente características e capacidades distintas para cada sexo, a divisão do trabalho sexual foi então legitimada.

Seguindo esta concepção, o maior efeito desta divisão do trabalho não seria o aumento da rentabilidade das funções divididas, mas o fato de torna-las solidárias. Para Durkheim (1999, p. 30) “[...] pode-se, no entanto, entrever desde já que, se é (a coesão social) realmente a função da divisão do trabalho, ela deve ter um caráter moral, porque as necessidades de ordem, de harmonia, de solidariedade social, passam geralmente por ser morais”. Assim, fica

aceita social e moralmente uma nítida segregação dos espaços e funções pensados para cada sexo.

Desse modo, podemos partir do conceito utilizado por Weber (2000, p. 184), “chama-se patriarcalismo a situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação exercida (normalmente) por uma só pessoa, de acordo com determinadas regras hereditárias fixas”. Nesse sentido, é na autoridade doméstica e familiar que se baseia o patriarcado e como tal, conseqüentemente, determina uma divisão sexual que Weber (2000) caracterizava como normal, uma vez que nesta divisão e nesta autoridade o patriarcado é legitimado, portanto, é considerado normal por ser aquilo que é considerado o padrão a ser seguido.

Trata-se de um tipo-ideal a-histórico e por isso permite ao pesquisador referir-se a “diferentes formas históricas de organização social onde e sempre a autoridade esteja centrada no patriarca de uma comunidade doméstica; a qualquer momento histórico onde se encontre tal sentido de ação típico-ideal” (Machado, 2000, p. 3). Em outras palavras, se a sociedade, em qualquer tempo histórico, pode ser definida culturalmente pela dominância e legitimação de poder nas mãos dos sujeitos masculinos, sociais, políticos e públicos, esta se trata de uma sociedade dita patriarcal.

Chagas e Chagas (2017) destacam alguns aspectos da construção social, em busca da compreensão de como a posição da mulher em uma sociedade cujo controle é de posse masculina. Assim, o período entre os séculos X e XV, cujo poder político era inerente à Igreja Católica Ortodoxa influenciava crenças e valores. Nesse sentido, a supremacia masculina era legitimada nos textos bíblicos, na organização social e mesmo no imaginário permeado socialmente.

Observando o cenário no Brasil, de acordo com Chagas e Chagas (2017), as primeiras constituições federais, a mulher era excluída dos atos civis, conseqüentemente dos políticos; o

Código Civil de 1916 tratava a mulher como ser inferior e incapaz, cabendo ao homem orientar e aprovar as ações femininas. Entre as possibilidades, a mulher não virgem poderia ter seu casamento anulado pelo marido, caso esse desejasse.

Em exemplo de uma sociedade que preza o masculino em detrimento do feminino, Del Priori (2011), historiadora, descreve alguns hábitos íntimos que refletem, em medida, a organização social. Dessa forma, a esposa tinha o seu valor ligado a honestidade, ao recato, em exercícios das funções do lar, dedicando-se aos filhos e ao marido. O lugar de mulher honesta era dentro de casa no século XIX, enquanto ao homem, o ambiente público era servido, e quando descuidadas trocavam as esposas por mulheres mais jovens (sem separar-se, uma vez que a esposa ainda cabia cuidar dos filhos). Diz Del Priori (2011, p. 66) “homens de prestígio e de boa situação social sempre tiveram a chance de constituir mais de uma família”.

Ademais, o sexo com a esposa era para descendência, o restante com amantes, fidelidade era algo esperado da mulher, mas não do homem. “A falta de fidelidade masculina, vista como um mal inevitável que se havia de suportar. Era sobre a honra e a fidelidade da esposa que repousava a perenidade do casal. Ela era a responsável pela felicidade dos cônjuges” (Del Priori, 2011, p. 67). E a historiadora nos diz mais sobre o século XIX no Brasil:

Nesse ambiente de mudanças, a aparência, segundo Gilberto Freyre, tinha muito a dizer sobre homens e mulheres no sistema patriarcal em que se vivia. O homem tenta fazer da mulher uma criatura tão diferente dele quanto possível. Ele, o sexo forte, ela, o fraco; ele, o sexo nobre, ela, o belo. O culto pela mulher frágil, que se reflete nessa etiqueta e na literatura e também no erotismo de músicas açucaradas, de pinturas românticas; esse culto pela mulher é, segundo ele, um culto narcisista de homem patriarcal, de sexo dominante que se serve de oprimido – dos pés, das mãos, das tranças, do pescoço, das ancas, das coxas – como de alguma coisa quente e doce que

lhe amacie, excite e aumente a voluptuosidade e o gozo. Nele, o homem aprecia a fragilidade feminina para sentir-se mais forte, mais dominador. (Del Priori, 2011, p. 72).

A historiadora nos fornece um dado interessante acerca das relações sociais, em especial sobre a virgindade (um dos fatores a ser estudado mais adiante). Apesar do século XX trazer um importante desenvolvimento nas relações sociais, pautadas principalmente pelo desenvolvimento industrial, tecnológico e econômico, a princípio, os tabus mantiveram-se segredos de alcova. A virgindade feminina era obrigatória e tratada com rigor; nas classes mais ignorantes o rompimento do hímen na noite de núpcias era importante, e em caso de não ocorrer, a mulher era devolvida aos pais. Além do mais, “a repressão sexual era profunda entre as mulheres e estava relacionada com a moral tradicional. A palavra ‘sexo’ não era nunca pronunciada, e saber alguma coisa ou ter algum conhecimento sobre a matéria fazia com que elas se sentissem culpadas” (Del Priori, 2011, p. 118). Essas informações acrescentam a essa pesquisa, uma vez que ter a ciência de que era esperado recato completo, o ambiente familiar como único espaço aceitável de existência, submissão e dedicação, faz compreender como a sociedade estabeleceu diferenças gritantes entre o que ser homem e o que era ser mulher.

Durante o Estado Novo ocorre, no cenário brasileiro, um alinhamento ainda maior com a Igreja Católica, o que resulta na consolidação da ética cristã de valorização da família: bom comportamento, trabalho, obediência ao Estado. Aqui, nesse período, o casamento na Igreja torna-se mandatório, virgindade assunto ainda mais cuidadoso:

[...] valorizou-se a ideia de coesão social necessária para fortalecer a pátria. Esse apelo implicava a definição de um modelo de família que expurgaria todas as ameaças à ordem: imoralidade, sensualidade e indolência. A população suspeita de incorrer nesses “delitos” sofria repreensões. O papel da mulher não era na rua, trabalhando,

mas em casa, cuidados dos filhos. E de todos. Nada de controlar o tamanho das famílias, mas de cuidar dela para não produzir casamentos desfeitos com suas consequências: alcoolismo, delinquência, marginalidade. (Del Priori, 2011, p. 144).

A figura masculina nesse sentido é construída a partir de afirmações das diferenças entre os gêneros, no século XX o homem dá lugar a força e ao confronto para desenvolver hábitos de ideais burgueses, o homem educado, trabalhador. A força física passa a ser refletida no cuidado com o corpo, a resistência, a autoridade e a competição. As novas construções exigiam uma adequação do homem em relação a vida privada, um bom homem também seria um bom pai de família e um bom provedor:

A questão da virilidade associada às lutas físicas ou morais expandia-se nas metáforas linguísticas utilizadas constantemente nos conflitos: “mostrar o pau”, “meter o pau”, “botar o pau na mesa”. O órgão masculino era comumente definido como “pau”, “porrete”, “pistola”, “canhão”, “espada”. (Del Priori, 2011, p. 158).

Em um estudo sobre a cultura machista inserida nas práticas sociais Oliveira e Maio (2016) concluem que o machismo se insere em falas, condutas e práticas, com destaque especial na família, na escola e na mídia, e não se restringe em comportamentos oriundos apenas de homens, mas também de mulheres. Uma vez que homens e mulheres são inseridos na mesma estrutura social e ambos possuem acesso e influência das mesmas práticas sociais, tanto homem, quanto mulheres estão expostos aos mesmos exemplos violentos e são capazes de reproduzi-los.

Quando falamos de vítimas de violência contra as mulheres em específico, o Mapa da Violência Contra a Mulher, elaborado pela Comissão de Defesa dos Direitos das Mulheres da Câmara dos Deputados indica a análise de mais de 140 mil notícias, sendo identificado mais de 68 mil casos de violência contra a mulher, somente em 2018. Violências que perpassam estupro, importunação sexual, violência virtual, doméstica e feminicídio.

São informações do Mapa: 50% dos casos de estupro são cometidos por companheiros, sejam namorados, maridos, ou em posição similar, e familiares, 15% dos agressores são conhecidos, 3,7% são vizinhos e 31% são desconhecidos da vítima. Em caso de vítimas menores de 18 anos, 60% dos casos são cometidos por familiares, em caso de vítimas menores de 14 anos, 86,4% dos abusadores sexuais são parentes, conhecidos da família ou vizinhos.

O Mapa disposto pela Comissão ainda indica que violência doméstica pode ocorrer entre membros que habitam o mesmo ambiente familiar, podendo ter laços de sangue ou união civil. As agressões que podem ser de natureza física, psicológica, patrimonial, moral e/ou sexual, também incluem abuso sexual de uma criança e maus tratos a idosos. Somam 58% a violência praticada por companheiros (namorados, ex-maridos, maridos) e 42% em familiares (pais, avós, tios e padrastos), sendo que 83,7% das vítimas possuem entre 18 e 59 anos.

Em relação ao feminicídio, o Mapa mostra que ocorreram 15.925 assassinatos em situação de violência doméstica no Brasil, destaca-se, porém, a imprensa nacional registra mais feminicídio do que os órgãos de Segurança Pública, visto que “os órgãos de segurança pública ainda possuem resistência em categorizar o mesmo crime como homicídio doloso praticado contra a mulher por ‘razões da condição de sexo feminino’” (Comissão de Defesa dos Direitos das Mulheres, 2018, p. 55). Desse total, 90,8% das mulheres possuíam entre 18 e 59 anos e 6,7% das vítimas menos de 18 anos, sendo que 95,2% dos crimes foram efetuados por companheiros (maridos, namorados, ex-maridos) e 4,8% por parentes (pais, avós, irmãos, tios).

2.2. Lutas coletivas das mulheres e o desenvolvimento do feminismo: elementos de contracultura

O feminismo tal qual é compreendido atualmente data do século XIX, onde nasceu das lutas coletivas das mulheres contra o sexismo e condições de inferiorização. Objetivando

dignidade, direito a propriedade, a educação, ao trabalho, ao voto e a eletividade política, as mulheres passaram a lutar por emancipação política (Gregori, 2017).

O estudo acerca do feminismo estabelece-o como um movimento que surge em ondas, dada a sua determinação histórica e social, como consequência das organizações e reivindicações femininas de cada período. Assim, por primeira onda considera-se o Movimento Sufragista que se inicia no século XIX até as primeiras décadas do século XX; por segunda onda caracterizada pela crítica radical ao modelo de família e de mulher, entre as décadas de 1960 e 1970; e a terceira onda que é caracterizada pela insurreição de mulheres até então não contempladas pelos movimentos anteriores, como lésbicas, negras, transgêneros, mulheres pobres e outras (Gregori, 2017).

Dessa forma, na Europa, durante o século XIX, especificamente na Inglaterra e na França, mulheres se organizaram para garantir seus direitos ao voto. Denominadas sufragistas, essas mulheres organizaram manifestações em Londres, chegando até mesmo a empreender uma greve de fome (Pinto, 2010).

Na América Latina, a exemplo do Brasil, Chile, México, Argentina, Peru e Costa Rica, ainda na primeira metade do século XIX, surgiram as primeiras manifestações feministas, sendo utilizada a imprensa para disseminação de suas ideias. No Brasil, as mulheres envolveram-se com a causa abolicionista, lutando contra a escravidão. Com a influência das mulheres socialistas e anarquistas vindas da Europa, no fim do século XIX já era possível encontrar mulheres brasileiras envolvidas também em lutas sindicais em defesa da melhoria de salário, higiene e saúde (Gregori, 2017).

A exemplo, na Inglaterra, foi somente em 1918 que as sufragistas conseguiram direito ao voto. Esse movimento é denominado como primeira onda feminista (Pinto, 2010). Pinto (2007) aponta que esse movimento sufragista, porém, era de cunho burguês e não refletia as

difficultades, contradições e problemas de todas as mulheres, como as jornadas duplas e triplas das mulheres operárias, por exemplo.

No Brasil, na primeira década do século XX, também com influência das feministas socialistas, anarquistas e liberais, se discutia em congressos, muitos de caráter internacional, os direitos da mulher (Gregori, 2017). A primeira onda feminista foi encabeçada também pela luta por direito ao voto, e liderada por Bertha Lutz na década de 1910. Bertha foi uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Porém, foi somente em 1932, com o Novo Código Eleitoral, que as mulheres adquiriram direito ao voto (Pinto, 2010).

Dentro desse contexto, uma forma de contracultura se formava pelo mundo, buscando transformações sociais e lutando para a ampliação dos direitos individuais e reagindo contra elementos controladores (alemães contra o passado fascista, franceses contra o autoritarismo nas universidades, os estadunidenses contra a Guerra do Vietnã e as políticas de McCarthy, etc.) e revolucionando os costumes. A desilusão com as estruturas sociais vigentes também atingia a Europa e “o sonho da revolução socialista liderada por uma vanguarda representada pelos partidos comunistas inspirados nas experiências do Leste Europeu” (Pinto, 2003, p. 41-42), entrava em crise. A “revelação dos crimes stalinistas, a invasão da Hungria, em 1959, e posteriormente da Tchecoslováquia, em 1968, foram minando a força da luta unitária e da disciplina férrea para a derrota do capitalismo” (Pinto, 2003, p. 41-42) entre os grupos comprometidos com esse ideal. Como reação a estes acontecimentos, uma nova esquerda começou a se organizar em várias partes do mundo. Operando dentro do campo das ideias marxistas, a nova esquerda europeia e estadunidense criticava o escolastiquíssimo e a esterilidade do materialismo histórico do pós-guerra na Inglaterra.

No contexto mundial, em 63, nos Estados Unidos, Betty Friedan publica a obra *A Mistica Feminina*, considerada um marco para o novo feminismo. O movimento feminista ressurgiu falando diretamente das questões de poder entre homens e mulheres, surgindo assim,

como um movimento libertário, cuja pauta além do espaço para mulher – no trabalho, na vida pública e na educação – também versa sobre uma nova forma de entender o relacionamento entre homens e mulheres, podendo a mulher decidir sobre sua vida e seu corpo (Pinto, 2010).

Essa segunda onda feminista libertária, possibilitou o movimento feminista socialista, que eclodiu após a publicação da obra *Manifesto Comunista* de Marx. Essas mulheres buscavam participar dos partidos comunistas e dos sindicatos, mobilizadas em prol das lutas gerais da sociedade. As mudanças pragmáticas permitiram uma nova base de luta feminina que possibilitou a quebra da dicotomia das percepções de público-privado, assim, passa-se a compreender que o privado também é político. De acordo com Gregori (2017) a segunda onda feminista se caracteriza pelo questionamento da economia e do capitalismo – responsáveis pela opressão feminina.

De acordo com Gregori (2017), no Brasil, diferentemente, com a mudança política e a instauração do Golpe Militar de 1964, os movimentos sociais como um todo foram silenciados e mesmo massacrados. A Ditadura Militar provoca então um divisor de águas nos movimentos sociais, reprimindo suas atividades e abafando seu espaço de atuação.

Na Europa setentista, a consciência crítica feminina desponta em meio as grandes transformações advindas do estabelecimento do sistema econômico capitalista, que incluíam a crescente participação da mulher no mercado laboral e a ampliação do sistema de educação. Impulsionando o feminismo moderno, essa época também incorpora questões diretas sobre a divisão sexual do trabalho e sobre o papel tradicional da mulher na família e na sociedade como um todo. (Gregori, 2017, p. 57).

Segundo Pinto (2010), o movimento feminista no Brasil volta a se articular somente a partir da década de 1970, com apoio do Centro de Informações da Organização das Nações Unidas (ONU), entre os destaques, encontra-se Terezinha Zerbini que lança o Movimento Feminino pela Anistia. Porém, o movimento só entra em efervescência a partir dos anos 80,

onde encontra-se um grande número de grupos e coletivos tratando de temas como violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito a terra, luta contra o racismo, entre outros (Pinto, 2010).

No Brasil, com a redemocratização, as mulheres passam a pleitear espaço político e partidário e o movimento passa a assumir uma ação mais propositiva, visando intervir nas políticas públicas. Na década de 1990, no entanto, o movimento passa por um período de desarticulação de suas práticas autônomas, uma vez que, devido a necessidade de recursos financeiros, os movimentos passam a assumir uma prática de institucionalização (Gregori, 2017).

Após a década de 1990, estabelece-se a terceira onda feminista, em que as lutas do movimento se expandem e passam a agregar movimentos que buscavam direitos específicos como homossexuais e pessoas negras, denominando-se por sua visão interseccional. Nessa fase o Estado apresenta-se como um inimigo comum do feminismo mantenedor do embate por direitos (Gregori, 2017).

Desde os seus primeiros passos, a razão de ser do movimento feminista foi “empoderar” as mulheres (mesmo que o conceito tenha sido incorporado como vocabulário muito posteriormente). Se, por uma parte, o movimento logrou conquistas indiscutíveis que atingiram as próprias estruturas de poder no mundo ocidental, por outra, tem sido muito tímido em interpelar mulheres para agirem no mundo público e, principalmente, político. (Pinto, 2010, p. 22).

Pinto (2010) ainda complementa que no Brasil, outros dois fatores complicam a questão da mulher como a desigualdade social e a hierarquia rígida ao acesso a direitos, ou seja, uma questão de participação política.

Quando se observa movimentos sociais como o feminismo, podemos identificar algumas construções contraculturais. O exemplo no cenário brasileiro, a Constituição de 1988,

sofrendo influência de grupos de mulheres e feministas, como o movimento Mulher e Constituinte, lutaram para aquisição e manutenção de direitos (Chagas & Chagas, 2017).

Podemos observar através de dados estatísticos que, apesar da Constituição de 1988 garantir igualdade de gênero, as mulheres ainda sofrem com a herança social do machismo. Os dados apresentados pelo IBGE e a Pnad apontam esse fato, pois uma em cada quatro mulheres foi agredida fisicamente pelo cônjuge ou ex-cônjuge, entre setembro de 2008 e setembro de 2009. (Chagas & Chagas, 2017, p. 5).

O desenvolvimento de leis como a Lei Maria da Penha (Lei no. 11.340/2006) vem de encontro com medidas de enfrentamento da violência contra a mulher da Organização das Nações Unidas, que desde 1975 objetivou ações que auxiliassem na desigualdade entre os sexos. A Lei busca assegurar direitos das mulheres aumentando o rigor de punições, mas também, promove políticas públicas de prevenção e enfrentamento da violência contra a mulher (Chagas & Chagas, 2017).

De acordo com o Instituto Maria da Penha (s/a), antes da lei supracitada entrar em vigor, o crime de violência doméstica e familiar era crime de potencial pouco ofensivo. O que significa que o crime, anteriormente, era banalizado e as penas reduzidas ao pagamento de cestas básicas e trabalhos comunitários. A vítima, até então, precisava entregar a intimação ao agressor, permitindo assim que o mesmo tivesse oportunidade de violenta-la. Atualmente, esta lei é considerada pela Organização das Nações Unidas, como uma das mais avançadas do mundo, pois disponibiliza também medidas protetivas de urgência, além de prever a criação de instrumentos para efetivar a lei, como delegacias especializadas, casas-abrigo, centros de referência, juizados de violência doméstica, entre outros. Não obstante a Lei Maria da Penha permitiu a conceituação dos tipos de violência doméstica e familiar, a criação de políticas públicas de prevenção e assistência à mulher.

De acordo Sirelli, Santos, Oliveira, Pinheiro & Rosa (2018) quando ocorre uma tentativa de desconstrução das relações funcionais sociais, buscando cada vez mais igualdade de direitos, diversidade sexual e de gênero, há uma resposta que busca reforçar e manter a hegemonia estabelecida. No Brasil, o Projeto de lei no. 867 – Escola sem Partido, por exemplo, visa estabelecer por vias legais a criminalização de concepções que interessam a outras classes que não a que está no poder, ou seja, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), mas também, movimentos feministas, movimentos negros e movimentos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros (LGBT+).

Masiero (2018) é que aponta a importância da obtenção de direitos ao indicar que quando as mulheres criam e se apropriam dos direitos há um aumento de chance de se reconhecerem formalmente titulares dos mesmos e, em consequência, se sentirem capazes de buscar validação e respeito dos mesmos na sociedade. Nos anos 2000 houve um especial tratamento legislativo em atenção à violência contra a mulher:

Nesse sentido, foram sancionadas seis leis em torno deste tema: (i) a Lei no. 10.224/2001 (assédio sexual); (ii) a Lei no. 10.778/03 (violência de gênero), (iii) Lei no. 10.886/04 (violência doméstica), (iv) as Leis no. 11.106/05 e no. 12.015/2009 (crimes contra a dignidade sexual), (v) a Lei no. 11.340/06 (Lei Maria da Penha), e (vi) a Lei no. 13.105/15 (Lei do Feminicídio) (Masiero, 2018, p. 314).

Ao passo que a Lei no. 10.778/03 que tipifica o assédio sexual foi justificada pelo assédio sexual sofrido por mulheres no mercado de trabalho, não é exclusivamente aplicada às vítimas femininas, uma vez que não restringe o gênero da vítima. No entanto, a Lei no. 10.778/93 utiliza o termo gênero em seu texto. Masiero (2018, p. 319) indica que o termo demorou a ser inserido nos debates legislativos, tendo sido em 1992 seu primeiro uso (em um projeto de lei que visava contra a discriminação das mulheres no mercado de trabalho).

Masiero (2018) destaca a problemática acerca do próprio uso do termo gênero, uma vez que, até nos dias atuais, enfrenta resistência nos setores conservadores do cenário político nacional. Havendo, inclusive, uma emenda que solicitou a supressão do termo no Código Penal “sob a justificativa de que seria uma expressão sem definição consensual na doutrina e que não consta da tradição legislativa brasileira” (Masiero, 2018, p. 319).

Ainda em referência as disposições legislativas sobre o combate à violência contra a mulher, Masiero (2018) nos indica que o feminicídio¹ foi uma categoria criminal desenvolvida no México, por movimentos feministas locais devido a uma série de assassinatos de mulheres ocorridos desde 1993 até a discussão do texto da pesquisadora. Ao passo que autoridades atribuíam aos assassinatos a classificação de crimes passionais, violência doméstica, abuso sexual, dívidas do tráfico, tráfico de mulheres e outras tipificações similares.

A categoria criminal de feminicídio, nesse contexto, advém da percepção de que os crimes obedeciam não apenas ao caráter violento da estrutura patriarcal, mas também um crime de lesão estatal – o Estado, ao não enquadrar a tipificação e combater-la, permitiria sua ocorrência. “Com efeito, a partir da denúncia dos movimentos feministas, os homicídios de mulheres ingressaram na agenda pública internacional e o termo ‘feminicídio’ começou a se difundir nos documentos internacionais” (Masiero, 2018, p.339), ao ponto de ser utilizado pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH).

2.3. Os reflexos da cultura e da contracultura

Retomando Díaz-Guerrero (1980) o contexto familiar e social do indivíduo define suas aprendizagens culturais e são o sistema de crenças e valores internalizado e mantido, sendo repassado também na comunidade e na coletividade. Alarcón (2010) destacando as Premissas

¹ O termo femicídio é atribuído a Diana Russel em 1976 que se referiu a morte de mulheres causadas por homens, e a expressão feminicídio posteriormente foi utilizada por Marcela Lagarde para indicar as mortes de mulheres em contexto de impunidade e convivência estatal (Masiero, 2018).

de Díaz-Guerrero vai apontar que a fidelidade e honra familiar são aspectos que fazem a manutenção desse sistema.

Sirelli, Santos, Oliveira, Pinheiro e Rosa (2018) apontam o papel central da família na construção de estereótipos daquilo que é ser homem e daquilo que é ser mulher. As relações são desde cedo estabelecidas de acordo com o sexo biológico, meninos e meninas são tratados de formas distintas e as expectativas transmitidas são outras para um e para outro. “A adolescência é uma fase importante de ‘testar’ aquilo que foi construído na família – momento em que o sujeito se lança no mundo externo, que constrói laços, que se afasta das figuras maternas e paternas para construir suas próprias possibilidades [...]” (Sirelli et al., 2018, p. 2).

Os autores fazem questionamentos interessantes que vale a menção:

Mas será que se trata mesmo de uma escola? Quais possibilidades o adolescente tem de construir uma vida diversa das relações que são estabelecidas e reproduzidas no contexto familiar e social em que vivem desde a infância? É possível fazer uma aposta que estes sujeitos tem capacidade de questionarem as certezas ouvidas e vividas, em especial no que diz respeito aos ‘papeis’ que cabem a homens e mulheres? É possível mudar as formas de consciência destes sujeitos em formação, sem alterar substancialmente as condições objetivas de sobrevivência? (Sirelli et al., 2018, p. 2).

Taquette e Vilhena (2006) indicam que os adolescentes são educados para serem fortes, agressivos e competitivos, comportamentos como consumo de bebidas alcóolicas, brigas corporais, exibição de força física e atividade sexual sem censura, também a não-preocupação com a saúde e o não-pedido de auxílio são alguns exemplos daquilo que se espera dos meninos. Por outro lado, se espera das adolescentes, e conseqüentemente das mulheres, comportamentos passivos, serem os objetos a serem conquistados.

Sabe-se que a adolescência é uma fase da vida caracteriza por importantes mudanças biológicas, que propiciam aos indivíduos atingir a maturidade sexual de seu corpo que,

consequentemente, torna possível a reprodução da espécie (Mati & Onrubia, 1997). Contudo, os aspectos ligados ao período da adolescência e da maturidade biológica se configuram apenas como informações universais, conteúdo pequena relevância para o saber e a educação do adolescente (Machado, 2000).

Ainda quanto as questões inerentes à sua maturidade sexual, o adolescente precisa enfrentar outras dificuldades, que se referem ao seu desenvolvimento psicológico e social, tal como aprender a se comportar de forma responsável, estabelecendo modos de interagir com o outro, obtendo um repertório de saberes e valores que o orientem em seu comportamento, auxiliando-o em sua socialização e em sua entrada no mercado de trabalho (Machado, 2000).

Sendo, portanto, a adolescência período que suscita muitos questionamentos no indivíduo, caracterizando-se por ser uma etapa da vida em que são formados novos hábitos e condutas, assim como também são construídas opiniões acerca de inúmeros temas relacionados às concepções de homem e mulher, isto é, às relações de desigualdade de gênero (Reis & Santos, 2011). Como pontua Díaz-Guerrero (1980) é necessário, no entanto, compreender como as premissas históricas estruturam esses valores e hábitos.

De acordo com Sirelli et al. (2018) quando se fala sobre adolescentes, a construção de identidade de gênero e sexual perpassa temas como vivência da sexualidade, escolhas na vida sexual e reprodutiva, dimensão simbólica e objetiva do corpo. Assim, uma possível possibilidade é fortalecer e articular a construção de espaço e construção política de adolescentes, dessa forma

desenhar políticas públicas voltadas para adolescentes e jovens é urgente e estratégico por gerar efeitos imediatos e nas gerações futuras, como também, se justifica em função das elevadas taxas de violência, doenças e mortes evitáveis neste grupo geracional, uma expressão da questão social emergente com importantes recortes de classe, raça, gênero e território. (Sirelli et al., 2018, p. 13).

De acordo com as leituras, como consequência desse sistema de crenças estabelecidas, a violência perpetrada na sociedade, não alcança somente os sujeitos maduros, mas também adolescentes. Aumento da taxa de HIV entre adolescentes, abusos físicos, sexuais e psicológicos, gravidez na adolescência, são algumas das consequências sentidas.

2.4. O papel da Psicologia dentro das perspectivas de gênero no Brasil

Em reflexão no que foi exposto até então e, diante da experiência da pesquisadora, busca-se dialogar com as possibilidades de atuação do profissional de psicologia diante desse contexto. Portanto, dentro das especificidades da condição da mulher em uma sociedade patriarcal que ainda sucumbe a condição não adequadas, existem diversas possibilidades de ação para um psicólogo no que diz respeito ao direito de saúde e integridade do indivíduo. Desse modo, é fundamental para o profissional o trabalho em auxílio das vítimas de violência conjugal ou mesmo das violências que fazem parte da sociedade patriarcal, como as diversas formas de abuso ou assédio moral, e mesmo, violências que repercutem na estrutura da sociedade, como mulheres recebendo salários menores e tendo menores oportunidades no mercado de trabalho.

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) assegura através do Código de Ética Profissional do Psicólogo em sua apresentação, citando a Resolução no. 10:

[...] d. Estimular reflexões que considerem a profissão como um todo e não em suas práticas particulares, uma vez que os princípios dilemas éticos não se restringem a práticas específicas e surgem em quaisquer contextos de atuação. (Conselho Federal de Psicologia, 2005, p.6).

O Código de Ética tem valores embasados na Declaração Universal dos Direitos Humanos, desse modo tem como foco a qualidade de vida das pessoas, dentro de padrões éticos agindo ética e criticamente ao que concerne suas atribuições e seu papel sócio-histórico, assim ele apresenta deveres e também o que lhe é vetado para com as suas responsabilidades

profissionais (Conselho Federal de Psicologia, 2005). Tal conduta auxilia quando tratamos a questão da representatividade da mulher na sociedade, tal como a luta feminista, que vem se destacando nas últimas décadas, trazendo o problema da mulher inviabilizada, que antes, fazia parte apenas de um problema interno do núcleo familiar a uma causa pública, pois essa mulher necessita de segurança e proteção, que é de direito social e cidadã. (Andrade & Fonseca, 2008)

Assim, o psicólogo deve adotar uma diretriz fundamental que auxilia na atuação e auxílio da mulher em situação de violência, desse modo é possível se destacar a questão do gênero na saúde mental da mulher, se aplicando o devido auxílio, considerando o contexto histórico, que faz com que a mulher sofra as causas por não ter sido assistida. O papel do profissional de psicologia está atribuído a instituir nas vítimas de violência a mediação sobre as diversas maneiras que elas têm ou podem adquirir novos caminhos que pode percorrer, estando essa profissional com um arcabouço teórico e técnico dentro das categorias vigentes e atuais ao caso em específico. (Conselho Federal de Psicologia, 2012)

Faz-se importante compreender as causas e, a partir desse conhecimento, traçar políticas públicas estratégicas de enfrentamento para evitar esses casos, tais estratégias visam fatores sociais que influenciam na condição dessa mulher em sofrimento, considerando diversos fatores culturais e econômicos e, dentro dessas especificidades, aplicar uma política pública condizente aquela realidade. Para isso é de suma importância fortalecer o papel do profissional de psicologia em espaços de atuação e o trabalho em espaços específicos. É necessário o investimento e qualificação de profissionais para os espaços de atendimento, que garantam a busca e ajuda às mulheres que sofrem de violência, a falta de especialização ou capacitação pode contribuir para o insucesso para a conquista e emancipação da mulher que sofre violência.

Conforme afirmam Gomes & Batista (2016) a atuação do profissional de psicologia segue a proposta do Conselho Federal de Psicologia (2012) que propõe posicionamento para tratar as questões voltadas para atendimentos em situação de violência, dando ênfase a uma busca de equilíbrio no que diz respeito a relação entre os cônjuges envolvidos e não, somente uma punição para o acusado. Em busca da obtenção desse objetivo o profissional pode propor medidas cautelosas que incutem mudanças individuais para consequentemente refletir no vínculo familiar e também refletir na sociedade.

Dentre as possibilidades de atuação, e buscando argumentar com a proposta realizada, encontra-se a pesquisa aplicada. Neste trabalho tem a proposição de levantar dados acerca de um aspecto específico da sociedade e analisa-los, buscando contribuir com um diálogo social maior de combate a cultura machista já estabelecida. A pesquisa aplicada segue-se no próximo capítulo.

3. PESQUISA SOBRE A PERCEPÇÃO DE MACHISMO ENTRE ADOLESCENTES BRASILEIROS (AS)

Parte-se do arcabouço metodológico desenvolvido por Díaz-Guerrero, tendo foco as Premissas Histórico-Socioculturais que designam um repertório de crenças e valores, estes se configuram como regras e normativas, que irão determinar as funções a serem desempenhadas por cada sujeito nas dinâmicas coletivas produzidas, bem como os tipos de confrontação estabelecidos na sociocultura (Alarcón, 2010). Parte-se desses princípios para aplicar ao cenário brasileiro uma adaptação da pesquisa desenvolvida pelo teórico mexicano, uma vez que possibilita a compreensão do comportamento individual, sendo também um campo potencialmente importante para analisar a coletividade.

Para Díaz-Guerrero os indivíduos apropriam-se das premissas histórico-socioculturais em seu meio de inserção social, ocasionando um processo de aprendizagem culturalmente prévio, adquiridos como patrimônio cultural, tanto na esfera familiar como da sociedade em geral, definindo-se assim como a normatividade de maior relevância dentro do ecossistema humano (Alarcón, 2010).

Uma Premissa trata-se de uma declaração simples ou mais elaborada que contém a fundamentação da lógica que orienta o pensamento e as crenças da coletividade. Díaz-Guerrero (1980) indica o contexto familiar e social do indivíduo define suas aprendizagens culturais. Normalmente essa aprendizagem ocorre na relação com figuras de autoridade, devido ao significado que carrega dentro de um determinado espaço cultural e por serem reforçadas pelos representantes adultos que integram este meio. Dessa forma, se caracterizam como ordens, ditados, contudo, também existem as premissas referentes ao estilo de confrontação, que determinam o modo como se dá o enfrentamento do sujeito diante das adversidades que lhe são apresentadas.

Sabe-se que o Brasil é construído socialmente como uma sociedade patriarcal, cujas rígidas estruturas onde nas relações interpessoais e nos espaços sociais é dado ao homem o direito de subjugar o sexo feminino. Se por um lado o homem é associado a violência, uma

vez que deve mostrar virilidade, força e dominação, a mulher é associada aos aspectos de sensibilidade, submissão. O patriarcado é um sistema de dominação e exploração que ocorre em diferentes níveis: física, moral, sexual e emocional (Morgante & Nader, 2014; Saffioti, 2004).

Como um exemplo de como premissas sociais constroem a sociedade, Del Priori (2011) nos traz informações contidas em revistas dos anos 70 no Brasil que, embora datadas, refletem justamente em como um sistema de crença é perpassado entre os indivíduos. Artigos voltados para as mulheres versaram sobre a assunção feminina de condição de fêmea, ser bonita, desejável, mãe. A mulher deveria, de acordo com esses editoriais, cuidar da casa e dos filhos, esperar o marido disposta. Inclusive, versavam que a ideia de submissão e aniquilamento intelectual era uma inverdade, para essas revistas, havia tempo para cuidar da casa, família, ler e criar, pois este era um privilégio do tempo feminino que não havia aos homens.

Como consequência desse sistema de crenças estabelecidas, a estrutura patriarcal perpetrada na sociedade, não alcança somente os sujeitos maduros, mas também adolescentes. Cabe a necessidade de destacar que a adolescência é uma fase caracterizada por importantes mudanças biológicas, que propiciam aos indivíduos atingir a maturidade sexual de seu corpo que, consequentemente, torna a reprodução da espécie possível (Marti & Onrubia, 1997). Contudo, os aspectos ligados ao período da adolescência e à maturidade biológica se configuram apenas como informações universais, contendo pequena relevância para o saber e a educação do adolescente (Machado, 2000).

Ainda quanto a questões inerentes à sua maturidade sexual, o adolescente precisa enfrentar outras dificuldades, que se referem ao seu desenvolvimento psicológico e social, tal como apresentar a se comportar de forma responsável, estabelecendo modos de interagir com os outros, obtendo repertório de saberes e valores que o orientem em seu comportamento,

auxiliando-o em sua socialização e em sua entrada no mercado de trabalho (Machado, 2000). Os questionamentos que são suscitados por essa fase caracterizarão a formação de hábitos e condutas, assim como também a construção de opiniões acerca de inúmeros temas relacionados às concepções de homem e mulher, isto é, às relações de desigualdade de gênero (Reis & Santos, 2011).

Parte-se da perspectiva de que evidenciar os modos de ser, agir e pensar dos indivíduos que fazem parte da cultura constrói um conhecimento importante acerca dessa cultura. Partindo desse pressuposto esta pesquisa visa verificar e analisar em que medida o contexto social dos (as) adolescentes, influencia na construção de conceitos sobre machismo e feminismo. Para tanto, foram escolhidos alunos (as) dos anos finais do Ensino Fundamental de escolas públicas estaduais do município de Campo Grande – MS.

Serão utilizadas como instrumento metodológico as premissas histórico-socioculturais, propostas por Díaz-Guerrero, aplicadas através de um questionário contendo 20 afirmações sobre machismo, virgindade, relação de amor, obediência filiação e educação, com as quais os participantes concordarão ou discordarão. Busca-se compreender como ocorre o reconhecimento dos aspectos que interferem na constituição da subjetividade dos (as) adolescentes e na construção de seus conceitos de machismo e feminismo, com sua respectiva devolutiva à Secretaria Estadual de Educação (SED/MS) e aos participantes da pesquisa que assim desejarem.

3.1.Método

Este trabalho se insere na modalidade de pesquisa de tipo exploratório e descritiva, de corte transversal, na qual é utilizado como instrumento metodológico um formulário com afirmações, adaptado da Escala de Premissas Histórico-Socioculturais elaborada por Díaz-Guerrero. A pesquisa consiste em abordagem quantitativa e a amostra é constituída por

conveniência entre alunos do Ensino Fundamental de escolas públicas em Campo Grande – Mato Grosso do Sul.

3.1.1. Participantes

Participaram da pesquisa 240 estudantes, de nível fundamental, lotados em seis escolas públicas estaduais do município de Campo Grande – MS. Os critérios de seleção para a participação do estudo foram (1) estudantes das turmas de 7º, 8º, e 9º anos da educação básica; (2) participantes que atendendo ao primeiro critério, que tenham entre 12 e 16 anos. A participação dos mesmos foi condicionada a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice I) assinado pelo responsável, e um segundo TCLE (Apêndice II) cujo aceite de participação é do próprio estudante. A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Católica Dom Bosco.

3.1.2. Instrumentos

Para esta pesquisa foi utilizada um questionário denominado Satisfação Escolar em Estudantes de Escolas Públicas de Campo Grande – MS (Apêndice III). A elaboração do instrumento foi baseada no questionário “Satisfacción con la vida em escolares de enseñanza básica em México y Brasil” de Largada (2018) (Anexo I).

Para aplicação nesta pesquisa o questionário apresenta 229 perguntas de múltipla escolha buscando compreender a satisfação, a condição e a relação do participante com seu meio.

3.1.3. Procedimento

A pesquisa ocorreu a partir da aprovação pelo Comitê de Ética da Universidade Católica Dom Bosco. Foi protocolada junto a Secretaria de Estado da Educação (SED) localizada no município de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, a realização da aplicação da pesquisa. Como condicionamento de aceite a SED solicitou a necessidade de aprovação junto aos gestores escolares, bem como explicação prévia das partes envolvidas com o intuito de

não alterar a rotina da escola. Em concordância, também solicitou a autorização dos responsáveis para participação dos alunos, uma vez que se trata de menores de idade, e também o encaminhamento posterior das análises e discussões alcançadas.

Assim, foi realizado contato com os diretores das escolas para que a pesquisa pudesse ser realizada dentro do cronograma de atividades escolares, a fim de não comprometer a rotina dos alunos. Portanto, as datas foram previamente agendadas para coleta de dados. Foram selecionadas e autorizadas as seguintes escolas para aplicação da pesquisa: Escola Estadual 26 de Agosto; Escola Estadual Joaquim Murtinho; Escola Estadual Amando de Oliveira; Escola Estadual São Francisco; Escola Estadual Maestro Frederico Liebermann; e Escola Estadual Sebastião Santana de Oliveira. Tendo início em 8 de novembro e sendo finalizada em 20 de novembro de 2019. Participaram da aplicação da pesquisa dois alunos do Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Psicologia da supracitada universidade, para auxílio de aplicação. A partir da orientação da Professora Doutora Heloísa Grubits, os acadêmicos tiveram uma aula sobre o procedimento de aplicação e preenchimento.

O primeiro contato com os participantes ocorreu a partir da visita da pesquisadora em sala de aula para convite e explicação sobre a pesquisa para os alunos e educandos, indicando os critérios e objetivos do estudo, cabendo sanar as dúvidas quando necessário. Foram entregues os TCLEs para os interessados para coleta de autorização junto aos responsáveis, bem como a solicitação de assinatura de TCLES por parte dos participantes. Após o retorno dos mesmos assinados foi marcada a aplicação do questionário e, posteriormente realizada a pesquisa. A aplicação foi realizada dentro da sala de aula dos participantes. Os materiais utilizados foram: questionário, cartão resposta, lápis e borracha. Cada turma teve dois dias para responder o questionário. Antes de iniciar a aplicação foi explicado novamente aos participantes sobre a pesquisa e os objetivos da mesma. Em sequência foram distribuídos os formulários aos participantes, lápis e borracha. Os participantes realizaram o preenchimento

dos questionários indicando seus nomes. Foi possibilitado os participantes levantar dúvidas, que foram sanadas durante a aplicação.

3.1.4. Recorte de análise

O formulário elaborado contém 229 questões de múltipla escolha, no entanto, para fins de atender ao objetivo pretendido nessa pesquisa, a análise a ser elaborada contará com o recorte das questões 122 até 142. Essas questões dizem respeito a questões de relação filial, percepção da função masculina e feminina (machismo) e virgindade, itens baseados nas Premissas Histórico-Socioculturais de Díaz-Guerrero.

Os resultados de todas as questões não serão inseridos nessa dissertação, mesmo como apêndice, mas estará à disposição para o desenvolvimento de projetos futuros.

3.2. Resultados

Na Tabela 1 (abaixo), apresentam-se os resultados do questionário para a afirmativa 122 É mais importante obedecer aos pais que amá-los, em que é possível identificar a maioria (58 respostas) concorda completamente com essa afirmação (27,75%), sendo 33,33% dos participantes do sexo masculino (31 respostas) e 23,27% das participantes do sexo feminino (27 respostas) apontam para esta concordância. Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,333. No entanto, a mesma quantia das participantes do sexo feminino aponta discordância total a essa afirmativa (23,27%), tratando-se, portanto, de um empate na opinião das participantes.

Observa-se, nesta questão, que para a maioria a obediência aos pais é mais importante que amor, no caso das participantes há um empate em relação a concordância e discordância dessa afirmativa. Fazendo-nos interpretar que, uma vez que é creditada a mulher um papel mais amoroso na sociedade (visto que à mulher cabe a sensibilidade e amabilidade – como visto no capítulo anterior), há uma posição mais ambígua das participantes femininas.

Tabela 1
Respostas a afirmativa 122. É mais importante obedecer aos pais que amá-los

		Sexo			p-valor
		Masculino	Feminino	Total	
É mais importante obedecer aos pais que amá-los	Discordo totalmente	18	27	45	
	Discordo parcialmente	17	23	40	
	Concordo ligeiramente	20	18	38	
	Concordo parcialmente	7	21	28	
	Concordo completamente	31	27	58	
Total		93	116	209	,333

Na Tabela 2 (abaixo), indicam-se os resultados da afirmativa 123 Ser virgem é muito importante para a mulher solteira, aqui, é possível identificar que a maioria (69 respostas) discorda totalmente dessa afirmativa (33%), sendo 34,40% dos participantes masculinos (32 respostas) e 31,86% das participantes femininas (25 respostas). Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,921. Nessa questão podemos observar que o papel da virgindade feminina já não é considerado importante, tanto por parte dos participantes masculinos quanto por parte das participantes femininas.

Tabela 2
Respostas a afirmativas 123. Ser virgem é muito importante para a mulher solteira

		Sexo			p-valor
		Masculino	Feminino	Total	
Ser virgem é muito importante para a mulher solteira	Discordo totalmente	32	37	69	
	Discordo parcialmente	11	19	30	
	Concordo ligeiramente	19	26	45	
	Concordo parcialmente	11	9	20	

	Concordo completamente	20	25	45	
Total		93	116	209	,921

A afirmativa 124. É muito melhor ser homem do que mulher (Tabela 3, abaixo) traz como resultado a identificação de que a maioria (72 respostas) discorda totalmente dessa afirmativa (34,44%). Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,000.

No entanto, há uma discordância em relação aos resultados por sexo: 50,86% das participantes femininas indicou discordar totalmente dessa afirmativa (59 respostas), apenas 13,97% (13 respostas) dos participantes do sexo masculino discordam da afirmativa, enquanto 36,55% (34 repostas) concordam completamente com essa afirmativa.

Aqui, podemos interpretar que, embora as participantes femininas discordem mais dessa afirmativa, os participantes masculinos ainda apresentam uma visão mais conservadora, no sentido de que ser homem é melhor, corroborando a uma identificação cultural patriarcal.

Tabela 3
Respostas a afirmativas 124. É muito melhor ser homem do que mulher

		Sexo		Total	p-valor
		Masculino	Feminino		
É muito melhor ser homem do que mulher	Discordo totalmente	13	59	72	
	Discordo parcialmente	12	18	30	
	Concordo ligeiramente	22	8	30	
	Concordo parcialmente	12	12	24	
	Concordo completamente	34	19	53	
Total		93	116	209	,000

A afirmativa 125 Deve-se respeitar mais uma pessoa importante que uma pessoa comum, destaca o resultado (Tabela 4, abaixo) onde é possível identificar que a maioria (104

respostas) discorda totalmente dessa afirmativa (49,76%). Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,000. Sendo que 36,55% (34 repostas) dos participantes masculinos indicaram discordar completamente dessa afirmativa, e 60,34% (70 respostas) das participantes do sexo feminino indicaram discordar completamente dessa afirmativa.

Aqui é possível identificar que os participantes não consideram posições de poder (uma pessoa importante) em relação a obediência à mesma, visto que uma pessoa comum, por pressuposto, merece tanto respeito quanto.

Tabela 4

Respostas a afirmativa 125. Deve-se respeitar mais uma pessoa importante que uma pessoa comum

		Sexo		Total	p-valor
		Masculino	Feminino		
Deve-se respeitar mais uma pessoa importante que uma pessoa comum	Discordo totalmente	34	70	104	
	Discordo parcialmente	9	16	25	
	Concordo ligeiramente	18	8	26	
	Concordo parcialmente	11	7	18	
	Concordo completamente	21	15	36	
Total		93	116	209	,000

Na tabela 5 (abaixo), veem-se os resultados da afirmativa 126 As mulheres que casam virgens são melhores esposas, em que é possível identificar que a maioria, 91 respostas, somam 43,54% dos participantes que indicam discordância total da afirmativa. Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,000.

Sendo que 31,18% (29 repostas) dos participantes masculinos indicaram discordar completamente dessa afirmativa, e 53,44% (62 respostas) das participantes do sexo feminino indicaram discordar completamente dessa afirmativa.

Essa afirmativa, assim com a anterior referente ao tema virgindade, demonstra uma mudança de perspectiva acerca da questão da importância da virgindade feminina, no entanto, cabe destacar que esta posição é mais perceptível nas participantes femininas do que nos participantes masculinos.

Tabela 5
Respostas a afirmativa 126. As mulheres que casam virgens são melhores esposas

		Sexo			
		Masculino	Feminino	Total	p-valor
As mulheres que casam virgens são melhores esposas	Discordo totalmente	29	62	91	
	Discordo parcialmente	16	27	43	
	Concordo ligeiramente	18	12	30	
	Concordo parcialmente	13	5	18	
	Concordo completamente	17	10	27	
Total		93	116	209	,000

Na afirmativa 127 Os homens são superiores que as mulheres, o resultado (Tabela 6, abaixo) traz 76,07% dos participantes que discordam totalmente dessa afirmativa, ou seja, 159 respostas. Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,000.

Sendo que 63,44% (59 repostas) dos participantes masculinos indicaram discordar completamente dessa afirmativa, e 86,20% (100 repostas) das participantes do sexo feminino indicaram discordar completamente dessa afirmativa.

Nesta questão, pode-se perceber que a superioridade masculina não se confirma totalmente, uma vez que a maioria dos participantes femininos e masculinos discorda dessa afirmativa. Aqui também é possível perceber que as participantes femininas discordam mais do que os masculinos.

Tabela 6
Respostas a afirmativa 127. Os homens são superiores as mulheres

		Sexo			
		Masculino	Feminino	Total	p-valor
Os homens são superiores as mulheres	Discordo totalmente	59	100	159	
	Discordo parcialmente	10	7	17	
	Concordo ligeiramente	15	5	20	
	Concordo parcialmente	3	2	5	
	Concordo completamente	6	2	8	
Total		93	116	209	,000

Na Tabela 7 (abaixo), apresentam-se os resultados para a afirmativa 128 Às vezes uma filha não deve obedecer a sua mãe, em que é possível identificar que 48,80% dos participantes discordam totalmente dessa afirmativa, ou seja, 102 respostas. Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,081.

Sendo que 43,01% (40 repostas) dos participantes masculinos indicaram discordar completamente dessa afirmativa, e 53,44% (62 respostas) das participantes do sexo feminino indicaram discordar completamente dessa afirmativa.

Nessa questão, ao interpretar, podemos apontar que para as participantes femininas há uma maior concordância em obediência filial em relação a mãe, sendo que ambos os participantes discordam da frase (às vezes não se deve obedecer à mãe), demonstrando novamente que a obediência filial é algo importante

Tabela 7

Respostas a afirmativa 128. As vezes uma filha não deve obedecer a sua mãe

		Sexo			
		Masculino	Feminino	Total	p-valor
As vezes uma filha não deve obedecer a sua mãe	Discordo totalmente	40	62	102	
	Discordo parcialmente	20	20	40	
	Concordo ligeiramente	15	25	40	
	Concordo parcialmente	9	4	13	
	Concordo completamente	9	5	14	
Total		93	116	209	,081

A afirmativa 129 As meninas não são tão inteligentes quanto os meninos, tem por resultado (Tabela 8, abaixo) a identificação de que a maioria, 143 respostas, somam 68,42% dos participantes que apresentam discordância total da afirmativa. Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,000.

Sendo que 50,63% (47 repostas) dos participantes masculinos indicaram discordar completamente dessa afirmativa, e 82,75% (96 respostas) das participantes do sexo feminino indicaram discordar completamente dessa afirmativa.

Interpretando essa questão pode-se entender que apesar da maioria discordar dessa frase, ainda há discordância entre os participantes masculinos (que discordam em menor número) e as participantes femininas que discordam mais dessa questão.

Tabela 8

Respostas a afirmativa 129. As meninas não são tão inteligentes quanto os meninos

		Sexo			
		Masculino	Feminino	Total	p-valor
As meninas não são tão inteligentes quanto os meninos	Discordo totalmente	47	96	143	
	Discordo parcialmente	7	6	13	
	Concordo ligeiramente	18	6	24	
	Concordo parcialmente	5	1	6	
	Concordo completamente	16	7	23	
Total		93	116	209	,000

Nos resultados (Tabela 9, abaixo) da afirmativa 130 Os homens são mais inteligentes que as mulheres, é possível observar que a maioria (159 respostas) discorda totalmente dessa afirmativa (76,07%). Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,000.

Sendo que 61,29% (57 repostas) dos participantes masculinos indicaram discordar completamente dessa afirmativa, e 87,93% (102 respostas) das participantes do sexo feminino indicaram discordar completamente dessa afirmativa. Aqui encontramos uma repetição já vislumbrada nas questões anterior, apesar de a maioria dos participantes (em total) discordarem dessa proposição, há uma diferença de pensamentos em participantes homens e mulheres, sendo que as mulheres discordam mais dessa afirmativa.

Tabela 9

Respostas a afirmativa 130. Os homens são mais inteligentes que as mulheres

		Sexo			
		Masculino	Feminino	Total	p-valor
Os homens são mais inteligentes que as mulheres	Discordo totalmente	57	102	159	
	Discordo parcialmente	9	6	15	
	Concordo ligeiramente	16	5	21	
	Concordo parcialmente	4	1	5	
	Concordo completamente	7	2	9	
Total		93	116	209	,000

Na tabela 10 (abaixo), veem-se os resultados da afirmativa 131 Os homens sofrem mais em suas vidas que as mulheres, sendo possível observar que a maioria, 137 respostas, somam 65,55% com discordância total da afirmativa. Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,000. Sendo que 54,83% (51 repostas) dos participantes masculinos indicaram discordar completamente dessa afirmativa, e 63,79% (86 respostas) das participantes do sexo feminino indicaram discordar completamente dessa afirmativa.

Na afirmativa 131, a discordância total não é equivalente quando tratamos dos grupos separados, sendo que as participantes femininas discordam em maior nível. Este fator por ser atribuído ao reforço social de que homens vão mais validados que as mulheres em uma sociedade patriarcal.

Tabela 10

Respostas a afirmativa 131. Os homens sofrem mais em suas vidas que as mulheres

		Sexo			
		Masculino	Feminino	Total	p-valor
Os homens sofrem mais em suas vidas que as mulheres	Discordo totalmente	51	86	137	
	Discordo parcialmente	12	21	33	

	Concordo ligeiramente	13	4	17	
	Concordo parcialmente	4	2	6	
	Concordo completamente	13	3	16	,000
Total		93	116	209	

Na afirmativa 132 Os homens devem ser agressivos, o resultado (Tabela 11, abaixo) identifica que a maioria dos participantes, 179 respostas, somam 85,64% de discordância total da afirmativa. Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,018.

Sendo que 79,56% (74 repostas) dos participantes masculinos indicaram discordar completamente dessa afirmativa, e 90,51% (105 respostas) das participantes do sexo feminino indicaram discordar completamente dessa afirmativa.

A agressividade masculina não encontra concordância em um grande número de participantes da pesquisa, podendo indicar uma mudança no pensamento sobre a violência masculina.

Tabela 11
Respostas a afirmativa 132. Os homens devem ser agressivos

		Sexo			
		Masculino	Feminino	Total	p-valor
Os homens devem ser agressivos	Discordo totalmente	74	105	179	
	Discordo parcialmente	4	7	11	
	Concordo ligeiramente	7	1	8	
	Concordo parcialmente	5	2	7	
	Concordo completamente	3	1	4	
Total		93	116	209	,018

Com os resultados (Tabela 12, abaixo) da afirmativa 133 Todo homem gostaria de casar-se com uma mulher virgem, é possível identificar que a maioria, 86 respostas, somam 41,14% de discordância total da afirmativa. Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,000.

Sendo que 30,10% (28 repostas) dos participantes masculinos indicaram discordar completamente dessa afirmativa, e 50% (58 respostas) das participantes do sexo feminino indicaram discordar completamente dessa afirmativa.

Nesta questão, podemos interpretar uma determinada inconsistência no pensamento dos personagens masculinos, pois, ainda que indiquem que uma não necessita casar-se virgem (questão já abordada acima), um considerável número de participantes masculinos ainda tem uma visão de que todo homem gostaria de casar-se uma com uma virgem.

Tabela 12

Respostas a afirmativa 133. Todo homem gostaria de casar-se com uma mulher virgem

		Sexo			
		Masculino	Feminino	p-valor	Total
Todo homem gostar de casar-se com uma mulher virgem	Discordo totalmente	28	58	86	
	Discordo parcialmente	14	21	35	
	Concordo ligeiramente	20	22	42	
	Concordo parcialmente	13	10	23	
	Concordo completamente	18	5	23	
Total		93	116	209	,000

Com a afirmativa 134 É mais importante respeitar o pai que amá-lo (Tabela 13, abaixo), é possível identificar o resultado (Tabela 13) de que a maioria (79 respostas) discorda totalmente dessa afirmativa (37,79%). Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,001. Sendo que 27,95% (26 repostas) dos participantes masculinos indicaram discordar

completamente dessa afirmativa, e 45,68% (53 respostas) das participantes do sexo feminino indicaram discordar completamente dessa afirmativa.

Ao se tratar de questão de obediência paternal, as participantes femininas demonstram mais discordância, indicando mais emotividade que os participantes masculinos, uma vez que ao visualizar as respostas por grupo de participantes, os participantes masculinos tendem a discordar menos da afirmativa.

Tabela 13

Respostas a afirmativa 134. É mais importante respeitar o pai que amá-lo

		Sexo			
		Masculino	Feminino	Total	p-valor
É mais importante respeitar o pai que amá-lo	Discordo totalmente	26	53	79	
	Discordo parcialmente	16	21	37	
	Concordo ligeiramente	21	20	41	
	Concordo parcialmente	6	13	19	
	Concordo completamente	24	9	33	
Total		93	116	209	,001

Na Tabela 14 (abaixo), apresentam-se os resultados do questionário para a afirmativa 135 O pior que pode acontecer a uma família é ter um filho homossexual, em que é possível identificar que a maioria, 146 respostas, somam 69,85% com discordância total da afirmativa. Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,000. Sendo que 56,98% (53 repostas) dos participantes masculinos indicaram discordar completamente dessa afirmativa, e 80,17% (93 respostas) das participantes do sexo feminino indicaram discordar completamente dessa afirmativa. Nessa questão, única que trata sobre orientação sexual, pode-se interpretar a discordância completa em relação a afirmativa, e conforme visto até então, a maior

discordância ocorre por parte das participantes femininas, o que pode sugerir um menor comportamento homofóbico.

Tabela 14

Respostas a afirmativa 135. O pior que pode acontecer a uma família é ter um filho homossexual

		Sexo			
		Masculino	Feminino	Total	p-valor
O pior que pode acontecer a uma família é ter um filho homossexual	Discordo totalmente	53	93	146	
	Discordo parcialmente	8	12	20	
	Concordo ligeiramente	14	6	20	
	Concordo parcialmente	5	2	7	
	Concordo completamente	13	3	7	
Total		93	116	209	,000

A afirmativa 136 É mais importante obedecer a mãe que amá-la traz como resultado (Tabela 15, abaixo) a identificação de que a maioria dos participantes (90 respostas) discorda totalmente dessa afirmativa (43,06%). Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,025. Sendo que 36,55% (34 repostas) dos participantes masculinos indicaram discordar completamente dessa afirmativa, e 48,27% (56 respostas) das participantes do sexo feminino indicaram discordar completamente dessa afirmativa.

Aqui vemos o mesmo comportamento se repetir, embora a maior parte dos participantes somados discorde dessa afirmativa, as participantes femininas discordam em maior número.

Tabela 15

Respostas a afirmativa 136. É mais importante obedecer a mãe que amá-la

		Sexo			
		Masculino	Feminino	Total	p-valor
É mais importante obedecer a mãe que amá-la	Discordo totalmente	34	56	90	
	Discordo parcialmente	16	23	39	
	Concordo ligeiramente	16	16	32	
	Concordo parcialmente	7	9	16	
	Concordo completamente	20	12	32	
Total		93	116	209	,025

O resultado (Tabela 16, abaixo) da afirmativa 137 Às vezes uma filha não deve obedecer ao seu pai, identifica que a maioria (110 respostas) discorda totalmente dessa afirmativa (52,63%). Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,347. Sendo que 50,63% (47 repostas) dos participantes masculinos indicaram discordar completamente dessa afirmativa, e 54,31% (63 respostas) das participantes do sexo feminino indicaram discordar completamente dessa afirmativa.

Nessa questão não há diferença perceptível na relação das respostas entre grupos de participantes, sendo que ambos discordam da proposição, indicando uma concordância em relação a obediência da filha para com o pai.

Tabela 16

Respostas a afirmativa 137. As vezes uma filha não deve obedecer a seu pai

		Sexo			
		Masculino	Feminino	Total	p-valor
As vezes uma filha não deve obedecer a seu pai	Discordo totalmente	47	63	110	
	Discordo parcialmente	17	25	42	
	Concordo ligeiramente	15	18	33	

	Concordo parcialmente	5	3	8	
	Concordo completamente	9	7	16	
Total		93	116	209	,347

Na afirmativa 138 Todas as mulheres gostariam de casarem virgens, o resultado (Tabela 17, abaixo) apresentado é de 93 respostas, que somam 44,49%, ou seja, a maioria, discorda totalmente da afirmativa. Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,013.

Sendo que 37,63% (35 repostas) dos participantes masculinos indicaram discordar completamente dessa afirmativa, e 50% (58 respostas) das participantes do sexo feminino indicaram discordar completamente dessa afirmativa.

Essa afirmativa, assim como as anteriores referentes ao tema virgindade, esta posição discordante é mais perceptível nas participantes femininas do que nos participantes masculinos.

Tabela 17
Respostas a afirmativa 138. Todas as mulheres gostariam de casarem virgens

		Sexo		Total	p-valor
		Masculino	Feminino		
Todas as mulheres gostariam de casarem virgens	Discordo totalmente	35	58	93	
	Discordo parcialmente	12	25	37	
	Concordo ligeiramente	25	16	41	
	Concordo parcialmente	7	8	15	
	Concordo completamente	14	9	23	
Total		93	116	209	,013

A afirmativa 139 É mais importante respeitar a mãe que amá-la traz o resultado (Tabela 18, abaixo) onde é possível identificar que a maioria (77 respostas) discorda

totalmente dessa afirmativa (36,84%). Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,067. Sendo que 31,18% (29 repostas) dos participantes masculinos indicaram discordar completamente dessa afirmativa, e 41,37% (48 respostas) das participantes do sexo feminino indicaram discordar completamente dessa afirmativa.

Nessa afirmativa houve maior concordância nas respostas em geral, porém, como notado já em outras questões, há um número maior de respostas das participantes femininas em detrimento dos participantes masculinos, nos fazendo levar a crer que os participantes masculinos indicam maior importância pelo respeito ao amor.

Tabela 18

Respostas a afirmativa 139. É mais importante respeitar a mãe que amá-la

		Sexo			
		Masculino	Feminino	Total	p-valor
É mais importante respeitar a mãe que amá-la	Discordo totalmente	29	48	77	
	Discordo parcialmente	16	22	38	
	Concordo ligeiramente	19	21	40	
	Concordo parcialmente	10	8	18	
	Concordo completamente	19	17	36	
Total		93	116	209	,067

Os resultados (Tabela 19, abaixo) da afirmativa 140 Os brasileiros deveriam ser mais fiéis às suas esposas apontam, diferente do visto até aqui, uma concordância completa com a afirmativa. Sendo 129 respostas (61,72%) a maioria. Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,376.

Sendo que 58,06% (54 repostas) dos participantes masculinos indicaram concordar completamente dessa afirmativa, e 75 (64,65%) das participantes do sexo feminino indicaram concordar completamente dessa afirmativa.

Nessa questão há concordância dominante com a afirmativa, se levarmos em consideração o total de participantes, mas tal qual observado em outras proposições, há maior concordância das participantes femininas do que dos participantes masculinos. O que, dada a quantia de vezes possível de observar esse mesmo padrão de respostas, nos faz supor, e mais a frente discutiremos, um maior conservadorismo masculino.

Tabela 19

Respostas a afirmativa 140. Os brasileiros deveriam ser mais fiéis às suas esposas

		Sexo		
		Masculino	Feminino	Total
Os brasileiros deveriam ser mais fiéis às suas esposas	Discordo totalmente	9	8	17
	Discordo parcialmente	2	6	8
	Concordo ligeiramente	12	11	23
	Concordo parcialmente	16	16	32
	Concordo completamente	54	75	129
Total		93	116	209
				,376

A afirmativa 141 Educar os filhos é função primordial do pai mostra como resultado (Tabela 20, abaixo) que a maioria concorda plenamente com a afirmativa, sendo 90 respostas (43,06%) dos participantes. Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,001.

Dos participantes masculinos 51 respostas concordam completamente com a afirmativa, somando 54,83% e 39 respostas (33,62%) das participantes femininas concordam completamente com a afirmativa.

Diferente da maioria das proposições, onde os participantes discordaram sobre as afirmativas, essa questão nos traz uma maior concordância, a maioria concorda com a afirmativa, sendo que os homens concordam em maior número.

Tabela 20
Respostas a afirmativa 141. Educar os filhos é função primordial do pai

		Sexo			
		Masculino	Feminino	Total	p-valor
Educar os filhos é função primordial do pai	Discordo totalmente	14	28	42	
	Discordo parcialmente	2	16	18	
	Concordo ligeiramente	14	16	30	
	Concordo parcialmente	12	17	29	
	Concordo completamente	51	39	90	
Total		93	116	209	,001

Na Tabela 21 (abaixo), apresentam-se os resultados do questionário para a afirmativa 142 Educar os filhos é função primordial da mãe, em que é possível identificar que a maioria, 95 respostas, somam 45,45% e concordam completamente da afirmativa. Em teste Mann-Whitney de valor, resultou-se p-valor ,000.

Sendo que 61,29% (57 repostas) dos participantes masculinos indicaram concordar completamente dessa afirmativa, e 32,75% (38 respostas) das participantes do sexo feminino indicaram concordar completamente dessa afirmativa.

Seguindo o movimento identificado até aqui, os participantes masculinos indicam maior concordância com a proposição, sendo que esta reforça o estereótipo (mais conservador) de que cabe a mulher a criação dos filhos, enquanto as mulheres concordam em menor número. No entanto, cabe identificar que a questão anterior, que trata de a proposição da criação dos filhos caber ao pai, ocorre a mesma característica, não podendo definir completamente a relação entre uma postura mais conservadora por parte dos participantes masculinos.

Tabela 21

Respostas a afirmativa 142. Educar os filhos é função primordial da mãe

		Sexo			
		Masculino	Feminino	Total	p-valor
Educar os filhos é função primordial da mãe	Discordo totalmente	11	27	38	
	Discordo parcialmente	2	16	18	
	Concordo ligeiramente	13	17	30	
	Concordo parcialmente	10	18	28	
	Concordo completamente	57	37	95	
Total		93	116	209	,000

Uma observação a realizar, de acordo os testes estatísticos (os grupos comparados não pensam diferentes quando $p > 0,05$ e os grupos comparados pensam diferentemente quando $p < 0,05$), portanto, nas questões: É mais importante obedecer aos pais que amá-los; Ser virgem é muito importante para a mulher solteira; Às vezes uma filha não deve obedecer a sua mãe; Às vezes uma filha não deve obedecer a seu pai; Todas as mulheres gostariam de casar virgem; Os brasileiros deveriam ser mais fiéis às suas esposas; ocorre uma concordância em ambos os grupos, portanto, tanto os participantes homens como mulheres pensam da mesma maneira. Nas outras questões, os grupos participantes pensam de maneiras diferentes.

3.3.Discussão

Nesta pesquisa, elaborada com adolescentes em escolas de Campo Grande – MS foi possível identificar que os grupos participantes (separados por sexo feminino e masculino) pensam diferente, majoritariamente. Conforme demonstrado abaixo (Tabela 22) há um grupo de seis questões em que os participantes pensam iguais, de acordo com o seu resultado estatístico:

Tabela 22

Resultado estatístico de grupo de questões em que os participantes pensam igualmente.

Questões	p-valor
É mais importante obedecer aos pais que amá-los	0,333
Ser virgem é muito importante para a mulher solteira	0,921
Às vezes uma filha não deve obedecer a sua mãe	0,081
Às vezes uma filha não deve obedecer a seu pai	0,347
É mais importante respeitar a mãe que amá-la	0,067
Os brasileiros deveriam ser mais fiéis às suas esposas	0,376

Dessas questões, o resultado que se refere sobre a fidelidade dos brasileiros a esposa ocorre em decorrência da concordância com a afirmativa, ou seja, que eles pensam ser necessários que os brasileiros sejam mais fiéis às suas esposas. Outra questão cujo pensamento é similar e em concordância com a afirmativa é a de que é mais importante obedecer aos pais que amá-los, demonstrando um alto valor familiar de obediência filial, acima do valor amoroso.

As outras questões demonstram como os participantes pensam similarmente, porém, majoritariamente por discordarem das afirmações. No caso de duas questões (obediência aos pais) a discordância ocorre para afirmar a negativa, ou seja, os participantes não concordam que a filha deva, às vezes, desobedecer ao pai e a mãe. Caracterizando, novamente, uma manutenção dos valores familiar referentes a obediência filial. Há também discordância em relação ao respeito à mãe quando a contrapartida é amá-la, sendo mais importante o segundo.

Em outro aspecto temático, há a discordância em relação à importância da mulher solteira ser virgem, uma vez que ambos os grupos de participantes discordam de que haja essa importância. Para dar continuidade as discussões, iremos primeiro elencar as questões sobre a relação de pensamentos distintos entre os participantes.

Grupo de questões em que participantes que pensam diferentemente, indicando o seu resultado estatístico (Tabela 23, abaixo):

Tabela 23

Resultado estatístico de grupo de questões em que os participantes pensam diferentemente.

Questões	p-valor
É muito melhor ser homem do que mulher	0,000
Deve-se respeitar mais uma pessoa importante que uma pessoa comum	0,000
As mulheres que casam virgens são melhores esposas	0,000
Os homens são superiores às mulheres	0,000
As meninas não são tão inteligentes quanto os meninos	0,000
Os homens são mais inteligentes que as mulheres	0,000
Os homens sofrem mais em suas vidas que as mulheres	0,000
Os homens devem ser mais agressivos	0,000
Todo homem gostaria de casar-se com uma mulher virgem	0,000
É mais importante respeitar o pai que amá-lo	0,000
O pior que pode acontecer a uma família é ter um filho homossexual	0,000
É mais importante obedecer a mãe que amá-la	0,000
Todas as mulheres gostaram de casarem virgens	0,000
Educar os filhos é função primordial do pai	0,000
Educar os filhos é função primordial da mãe	0,000

A fim de facilitar a discussão das proposições que são pensadas diferentemente, iremos agrupar por conveniência temática, portanto, para dialogar com os resultados e realizar as discussões separamos as questões em três blocos: Machismo; Obediência Filial e Virgindade.

São afirmativas referentes ao Machismo: 124. É muito melhor ser homem do que mulher; 127. Os homens são superiores as mulheres; 129. As meninas não são tão inteligentes

quanto os meninos; 130. Os homens são mais inteligentes que as mulheres; 131. Os homens sofrem mais que as mulheres; 132. Os homens devem ser mais agressivos; 141. Educar os filhos é função primordial do pai e; 142. Educar os filhos é função primordial da mãe.

Nas duas últimas questões referentes a educação dos filhos, a maioria dos participantes concordam com a proposição, porém, o que diverge é a escolha entre os participantes femininos e os participantes masculinos: os segundos concordam em maior número a afirmativa, inclusive o dever masculino de criar o filho.

Em relação às outras questões referentes ao machismo, embora o resultado seja discordar dessas proposições, o que nos chama atenção, é o fato de que os participantes masculinos foram os participantes que menos discordaram das afirmativas. Isso nos indica uma postura mais conservadora dos participantes masculinos do que das participantes femininas. Em outras palavras, em situações de machismo, as participantes femininas discordaram em maior número das premissas que corroboram com os comportamentos machistas da sociedade (ser mais agressivo ou é melhor ser homem e ainda os homens são mais inteligentes, por exemplo).

Em continuidade a exposição das proposições em que os grupos participantes pensam diferentes, são afirmativas sobre obediência filial: 125. Deve-se respeitar mais uma pessoa importante que uma pessoa comum; 134. É mais importante respeitar o pai que amá-lo; 136. É mais importante obedecer a mãe que amá-la; 139. É mais importante respeitar a mãe que amá-la. Quando visto pelo aspecto geral, os participantes discordam dessas proposições, mas novamente, aqui, os participantes masculinos discordaram em menor número do que as participantes femininas.

Muito embora, a relação de autoridade seja percebida de maneira distinta, na afirmativa: 125. Deve-se respeitar mais uma pessoa importante do que uma pessoa comum, a maioria das respostas foi discordante. Portanto, podemos supor que não é qualquer figura de

autoridade que mereça respeito e obediência, corroborando as concepções levantadas por Díaz-Guerrero que é na família que se encontra o maior vínculo com as premissas histórico-socioculturais.

Em nossa perspectiva, a questão 135. O pior que pode acontecer a uma família é ter um filho homossexual encontraria uma classificação própria: homofobia. Nesse sentido, seguindo o padrão percebido, embora os participantes, de um modo geral discordem dessa afirmativa, os participantes masculinos discordaram menos do que as participantes femininas. O que nos sugere um comportamento mais conservador por parte dos participantes masculinos.

O terceiro e último bloco traz as proposições referentes à virgindade, cujo resultado geral é igualmente a discordância da afirmação, portanto: 126. As mulheres que casam virgens são melhores esposas; 133. Todo homem gostaria de casar-se com uma mulher virgem e; 138. Todas as mulheres gostariam de casarem virgens. Esse bloco de afirmativas traz, novamente, um tom destoante dos estudos sobre as características necessárias de uma boa mulher: a virgindade, em todas as afirmativas há discordância total como a maior parte das respostas. Podendo indicar que essa premissa está sendo percebida já de maneira distinta pelos participantes, porém, em todos os casos essa questão foi menos discordante entre os participantes masculinos do que as participantes femininas.

De uma maneira geral, nas acepções que destacam a relação do binômio homem x mulher, não há concordância dos participantes sobre as afirmativas. Assim, para elucidar ainda mais as questões, cabe pensar em que ponto da afirmativa se encontra os participantes. Uma vez que, discordar entre si, não significa necessariamente discordar da premissa em si. Nesses casos, os (as) adolescentes demonstraram majoritariamente que não concordam com essas premissas.

4. CONCLUSÃO

Díaz-Guerrero parte da premissa da psicologia como uma extensão natural da biologia. Assim, unindo as ciências biopsicológicas e sócio-histórico-culturais. A herança deixada pelo estudioso resultou na elaboração da etnopsicologia científica, cujo objeto de estudo se trata dos aspectos dos membros dos grupos culturais, sociais, nacionais e religiosos. Uma vez que cultura se trata de um sistema de normas que define as relações interpessoais, bem como os papéis sociais que são desempenhados pelos sujeitos e também como os indivíduos devem experimentar e manifestar as suas emoções.

Importante conclusão é de que o comportamento das pessoas ocorre a partir da análise do sujeito de suas interações psicossociais - estas devidas de sua cultura -. É a partir dessas relações entre os membros que se observa as premissas específicas de determinada cultura. Em seu estudo das Premissas Histórico-Socioculturais - que se define como uma declaração simples ou mais elaborada que contém a fundamentação da lógica que orienta o pensamento e as crenças da coletividade -, Díaz-Guerrero dimensionou as consequências suscitadas pelos avanços da sociocultura sobre o comportamento humano, sobretudo, no tocante à afetividade, às ações e aos princípios.

Também propiciou a compreensão e o reconhecimento de um conjunto de crenças, comportamentos e valores evidenciados entre os mexicanos, demonstrando ainda que as representações socioculturais podem sofrer modificações em ritmos diferentes. O estudo elaborado, por meio do Teste de Estilo de Vida, foi fundamental para a compreensão do pensamento mexicano, assim como quais são os fatores culturais que motivam e norteiam as ações dessas pessoas, fazendo com que pensem e ajam de determinadas maneiras.

Outro aspecto importante dessa revisão teórica é a possibilidade de trazer um conjunto de pensamento importante para aplica-lo no contexto brasileiro. Díaz-Guerrero traz uma investigação ampla tanto dos aspectos culturais, históricos e sociais para compreensão da subjetividade humana.

É possível destacar que o significado de homem e mulher no contexto social vigente é algo que foi construído historicamente e encontra-se diretamente relacionado a cultura patriarcal marcada por uma forte dominação masculina e que, apesar das conquistas femininas, as injustiças e desigualdades ainda fazem parte do cenário mundial.

No que tange aos principais obstáculos que dificultam para a construção da igualdade entre homens e mulheres, ressalta-se a cultura patriarcal, que coloca o homem num lugar de poder, o qual se expressa na divisão de tarefas relacionadas ao convívio familiar, como: afazeres domésticos, cuidados e educação dos filhos, os quais acabam por serem de responsabilidade das mulheres, mesmo quando estas também contribuem com o orçamento doméstico. Outro aspecto importante a ser lembrando, diz respeito às desigualdades presentes nas relações de gênero reforçadas pela conduta sexista das instituições sociais (igrejas, escolas, serviços públicos), que não encorajam as mulheres para a conquista da autonomia, tão pouco apoiam a liberdade de expressão para falarem sobre o que tanto lhes prejudica.

Uma vez que temos em mente as proposições de Díaz-Guerrero, em que as crenças e valores são culturalmente estabelecidos a partir do cotidiano social, podemos observar a manutenção dessa estrutura a partir do comportamento das pessoas sócio-historicocultuais. Efetuar o rastreamento desses comportamentos pode ser parte do trabalho do profissional de psicologia, visando prevenção e intervenção da violência que essa estrutura acarreta

Os debates que se relacionam a violência de gênero estão cada vez mais intensos na sociedade moderna, e mesmo com a diferença de leis e aplicações, com a impunidade a atenção a violência familiar, é possível construir, aos poucos, um importante rompimento de pensamentos e ações, portanto, movimentos contraculturais, que vão contra a igualdade de gênero.

Díaz-Guerrero aponta em diferentes trabalhos que o movimento social é dialético cultura-contracultura, dessa forma, podemos entender que uma vez que uma premissa social é

estabelecida (como o homem deter o poder social em detrimento da mulher), um movimento contracultural (como os movimentos feministas) surge e se torna uma nova premissa (as mulheres terem direitos a benefícios sociais tal qual o homem já possui), porém, e dialeticamente, outros movimentos de enfrentamento dessas novas premissas podem surgir (como decisões políticas que retiram mulheres de posição de poder de maneira proposital, ou ainda, a diminuição de políticas públicas voltadas para a mulher).

Os estudos de Díaz-Guerrero, como nos aponta Alárcon (2010), nos oferece uma perspectiva tanto teórica quanto aplicada do papel do psicólogo nesse processo. Uma vez que para Díaz-Guerrero a sociedade (sociocultural) é um sistema histórico e dialético de crenças e valores (premissas histórico-socioculturais) que atuam como normas das práticas sociais e que essas práticas são aprendidas na relação cultural com o outro, principalmente no núcleo familiar. Ao desenvolver um método investigativo de medir e compreender quais as premissas estão estabelecidas (a Escala de Premissas Histórico-Socioculturais), Díaz-Guerrero oferece uma ferramenta importante para compreender a sociedade e a partir de seus resultados pensar intervenções eficazes.

Os resultados da pesquisa aplicada nessa proposta podem indicar uma mudança positiva na sociedade na percepção do papel feminino, da inteligência e da importância que a mulher apresenta culturalmente. Os movimentos contraculturais, especialmente nas participantes femininas, podem reverberar mudanças para o futuro, uma vez que estas indicaram maiores discordâncias sobre as premissas machistas.

Uma observação a ser feita é, em uma comparação entre a construção do papel feminino e masculino, os participantes concordam que é função dos pais educar os filhos, porém, há uma maior concordância de que esta função é primordial das mães, tanto por parte dos participantes masculinos como por parte das participantes femininas. Demonstrando que a construção cultural da mulher ser responsável pela educação dos filhos é mais reforçada em

adolescentes, mesmo que eles consigam identificar que os homens não sejam superiores e mais inteligentes.

Esse resultado pode indicar a posição social culturalmente construída de que o homem é melhor. No entanto, não é possível mensurar se os adolescentes aqui pesquisados se dão conta dessa construção como privilégio social, ou seja, se suas percepções perpassam a consciência de que essa premissa pode não ser justa. É necessário destacar que, de acordo com já mostrado até aqui, à mulher cabe a instância particular e domiciliar em detrimento da instância pública, política e social, que fica relegada ao homem, como nos aponta Saffioti em seus estudos. Portanto, ainda que as premissas machistas mostrem uma mudança na percepção da construção do que é ser homem e do que é ser mulher, no tocante as funções exercidas, o reforço da função feminina (como cuidar da educação dos filhos) ainda ocorre.

Diante dessa perspectiva, caberia uma ampliação nos estudos das Premissas no cenário brasileiro, a fim de buscar **como** adolescentes observam as funções sociais a partir da identidade de gênero, ou seja, o que é função da mulher cumprir e o que é função do homem cumprir. Sabemos que os movimentos feministas buscam, justamente, desconstruir essa visão de que há divisão por sexo nas funções sociais, políticas e culturais, porém, cabe estudo mais aprofundado se esse movimento de fato tem alcançado mudanças efetivas junto à sociedade, e principalmente, se os (as) adolescentes estão percebendo e, conseqüentemente, mudando essa concepção estabelecida.

Acerca da aplicação da pesquisa cabem algumas observações que indicam alguns prováveis obstáculos para sua realização. A primeira, e importante, é a questão do interesse e disponibilidade da direção das escolas, uma vez que houve demora na autorização e uma grande falta de interesse por parte dos diretores. Outro obstáculo foi a questão da estrutura material das escolas não era de todo adequadas, a citar, salas sem ventilação ou condicionamento de ar, tornando-as quente; a pesquisadora também precisou disponibilizar

material básica, como lápis e borracha para os participantes. Bem como a questão da atenção por parte dos participantes, havendo conversas paralelas entre os alunos, pouca autoridade dos professores em relação a disciplina.

Esses obstáculos podem interferir na dinâmica da aplicação e consequentemente no resultado da mesma. Cabendo uma sugestão de alteração metodológica em pesquisas futuras. Também em relação a alteração na proposta de pesquisa e aplicação, cabe a observação em relação ao questionário: uma provável modificação em aplicações futuras a necessidade de questionar a obediência em relação aos filhos e não somente as filhas (como no caso de as vezes uma filha não dever obedecer seus pais), uma vez que a construção do questionário aqui aplicado não indica se essa mesma obrigação cabe também aos filhos. A obediência seria vista da mesma forma?

Díaz-Guerrero aponta que as Premissas além de social e culturalmente estabelecidas são **historicamente** estabelecidas, mudando com o desenvolvimento da sociedade. Esse ponto indica que os resultados aqui discutidos estão estabelecidos em nosso momento histórico, dada a formação de nossa sociedade.

Como demonstrado nos apontamentos discutidos até aqui, o Brasil apresenta uma formação social patriarcal, ou seja, em que o homem se apresenta como o maior beneficiário do sistema, uma vez que detém o poder. Este inclusive é reforçado tanto nas esferas particulares (como a família) quanto públicas (como políticas e espaço social). Se por um lado, esta é a cultura estabelecida, por outro, movimentos antitéticos, como o feminismo, procuram desestabilizar, questionar e revolucionar a forma como se dá as premissas (crenças e valores) sociais.

REFERÊNCIAS

- Alarcón, R. (2010). El legado psicológico de Rogelio Díaz-Guerrero. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10(2), 553-571. Retirado de:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812010000200016
- Albuquerque, F. J. B., Noriega, J. A. V., Martins, C.R., & Neves, M. T. S. (2008). Locus de controle e bem-estar subjetivo em estudantes universitários da Paraíba. *Psicologia Para América Latina*, 13, 1-16. Retirado de:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000200011
- Almeida, J. P. de. (2010). *As multifaces do patriarcado: uma análise das relações de gênero nas famílias homoafetivas*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, Pernambuco.
- Álvarez, J. F. L., Noriega, J. A. V., de Albuquerque, F. J. B., Pimentel, C. E., & Dantas, A. P. A. (2006). Orientação e evitação ao êxito em uma população do nordeste Brasileiro. *Psico-USF*, 11(2), 207-217. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712006000200009>
- Andrade, C. de J. M., & Fonseca, R. M. G. S. da. (2008). Considerações sobre violência doméstica, gênero e o trabalho das equipes de saúde da família. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 42(3), São Paulo. Retirado de:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342008000300025
- Carver, C. S. Y. & Shéier, M. F. (1997). *Tipos, rasgos e interaccionismo: Teorías de la Personalidad*. México: Trillas.
- Chagas, L., & Chagas, A. T. (2017). A posição da mulher em diferentes épocas e a herança social do machismo no Brasil. *Psicologia pt.*
- Comissão de Defesa do Direito das Mulheres. (2018). *Mapa da Violência contra a Mulher – 2018*. Câmara dos Deputados. Retirado de: <https://www2.camara.leg.br/atividade->

- legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/comissao-de-defesa-dos-direitos-da-mulher-cmulher/arquivos-de-audio-e-video/MapadaViolenciaatualizado200219.pdf
- Conselho Federal de Psicologia. (2005). *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Conselho Federal de Psicologia. (2012). *Referências técnicas para atuação de psicólogas (os) em Programas de Atenção à Mulher em situação de Violência*. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Cofer, C. N. Y & Appley, M. H. (1971). *Motivación social, Psicología de la Motivación: Teorías e investigación*. México: Editorial Trillas.
- Díaz-Guerrero, R. (1961). *Estudos de psicologia do mexicano*. México: Robledo.
- Díaz-Guerrero, R. (1967a). Premissas socioculturais, atitudes e pesquisa transcultural. *Journal of Psychology*, (2), 79-87.
- Díaz-Guerrero, R. (1967b). As síndromes ativas e passivas. *Revista Interamericana de Psicologia*, 1(4), 263-272.
- Díaz-Guerrero, R. (1971). O ensino de pesquisa em psicologia na América Latina: Um paradigma. *Revista Latinoamericana de Psicologia*, 3, 5-36.
- Díaz-Guerrero, R. (1972a). *Rumo a uma teoria histórico-bio-psico-sócio-cultural do comportamento humano*. México: Trillas.
- Díaz-Guerrero, R. (1972b). Uma escala fatorial de premissas histórico-socioculturais da família mexicana. *Revista Interamericana de Psicologia*, 6, 235-244.
- Díaz-Guerrero, R. (1974). A mulher e as premissas histórico-socioculturais. *Revista Latinoamericana de Psicologia*, 6(1), 07-16.
- Díaz-Guerrero, R. (1980). História-sociocultura e personalidade: Definição e características dos fatores na família mexicana. *Jornal de Psicologia Social*, 2(1), 15-41.

- Díaz-Guerrero, R. (1982a). A psicologia da premissa histórico-sociocultural. *Psicologia da Língua Espanhola*, 2, 383-410.
- Díaz-Guerrero, R. (1982b). *A psicologia do mexicano*. México: Trillas.
- Díaz-Guerrero, R. (1986a). *O ecossistema sociocultural e a qualidade de vida*. México: Trillas.
- Díaz-Guerrero, R. (1986b). Historio-sociocultura y personalidad: Definicion y características de los factores en la familia mexicana. *Revista de Psicologia Social y Personalidad*, 2, 15-42.
- Díaz-Guerrero, R., Szalay, L. B. (1993) *O mundo subjetivo dos mexicanos e norte-americanos*. México: Trillas.
- Díaz-Guerrero, R. (1994a). *Psicologia do mexicano: Descoberta da etnopsicologia*. México: Trillas.
- Díaz-Guerrero, R. (1994b). La psicología de la personalidad en el siglo XXI. In: A. M. Pacheco (Ed.) *Etnopsicologia: Scientia nova*. República Dominicana: Corripio.
- Díaz-Guerrero, R. (1995). Una aproximación científica a la etnopsicologia. *Revista Latinoamericana de Psicologia*, 27, 359-389. Retirado de:
<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=80527301>
- Díaz-Guerrero, R. (1996). Etnopsicologia no México. *Jornal de Psicologia Social e Personalidade*, 12(1), 1-13.
- Díaz-Guerrero, R. (2003). *Sob as garras da cultura: Psicologia do mexicano*. México: Trillas.
- Díaz-Guerrero, R., & Pacheco, A. M. (1994). *Etnopsicologia: Scientia Nova*. República Dominicana: Corripio.
- Díaz-Loving, R. (2002). Psicologia social, sociológica e cultural no contexto latino-americano. In: C. Kimble (Ed.), *Psicologia social das américas*. México: Educação Pearson.

- Díaz-Loving, R. (2006). Rogelio Díaz-Guerrero: Um legado de criação e pesquisa psicológica. *Mexican Journal of Psychology*, 23.
- Del Priori, M. (2011). *Histórias Íntimas*. São Paulo: Editora Planeta.
- Durkheim, E. (1999). *Da Divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Martins Fontes.
- Follador, K. J. (2009). A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. *Revista fato&versões*, 2(1), 3-16.
- Garduño, A. S., Díaz-Loving, R., Ruiz, N. E. R., Hurtarte, C. A., Rosales, F. L., López, M. M. L., . . . Guedea, M. D. (2015). Roles de género y diversidad: Validación de una escala en varios contextos culturales. *Acta de investigación psicológica*, 5(3), 2124-47. doi: [https://doi.org/10.1016/S2007-4719\(16\)30005-9](https://doi.org/10.1016/S2007-4719(16)30005-9)
- Gomes, C. A., & Batista, M. F. (2016). Feminicídio: paradigmas para análise da violência de gênero com apontamentos à Lei Maria da Penha. *VIII Seminário de Pesquisa Interdisciplinar*, 11-14.
- Gregori, J. de. (2017). Feminismos e resistência: trajetória histórica da luta política para conquista de direitos. *Caderno Espaço Feminino*, 30(2), 48-52. Uberlândia.
- Holtzman, W. H., Díaz-Guerrero, R., & Swartz, R. (1975). *Desenvolvimento de personalidade em duas culturas: México e Estados unidos*. México: Trillas.
- Instituto Maria da Penha. (s/a). *A Lei na Íntegra e Comentada*. Retirado de: <http://www.institutomariadapenha.org.br/lei-11340/lei-maria-da-penha-na-integra-e-comentada.html>
- Lagarda, A. E. L. (2018). *Satisfacción con la vida, bienestar personal y su relación con factores de contexto y personales en adolescentes*. Tese de Mestrado. Centro de Investigación en Alimentación y Desarrollo. Hermosillo, Sonora.

- Machado, A. M. F. (2000). A filosofia no mundo dos adolescentes. *Cuadernos de la Facultad de Humanidades y Ciencias Sociales*, 15, 381-385. San salvador de Jujuy. Retirado de: <http://www.scielo.org.ar/pdf/cfhycs/n15/n15a33.pdf>
- Marti, E.; Onrubia, J. (1997). *Psicologia del desarrollo: el mundo del adolescente*. Barcelona: Horsori.
- Martínez, F. L. (2007). El problema de la emergencia de normas sociales en la acción colectiva: Una aproximación analítica. *Revista Internacional de Sociología*, 65(46), 131-160. doi: <https://doi.org/10.3989/ris.2007.i46.7>
- Masiero, C. M. (2018). *Lutas Sociais e Política Criminal: os movimentos feminista, negro e LGBTQ e a criminalização das violências machista, racista e LGBTfóbica no Brasil*. Tese de Doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, Rio Grande do Sul.
- Morgante, M. M.; Nader, M. B. (2014). O patriarcado nos estudos feministas: um debate teórico. *Anais do XVI Encontro Regional de História da Anpuh*. Rio: Saberes e práticas científicas.
- Noriega, J. A. V., Albuquerque, F. J. B., Laborín, J. F. A., Oliveira, L. M. S., & Coronado, G. (2003). Lócus de controle em uma população do nordeste brasileiro. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 19(3), 211-220. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722003000300003>
- Noriega, J. A. V., Rodríguez, C. K. C., Quintana, J. T., & Grubits, H. B. F. (2018). Recursos de ajuste psicosocial y su relación con la satisfacción con la vida en jóvenes de México. *Pensamiento Psicológico*, 16(2), 87-97. doi: <https://dx.doi.org/10.11144/javerianacali.ppsi16-2.rapr>

- Oliveira, A. A. S., & Trancoso, A. E. R. (2014). Processo de produção psicossocial de conceitos: Infância, juventude e cultura. *Psicologia & Sociedade*, 26(spe.2), 18-27. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000600003>
- Oliveira, M. de, Maio, E. R. (2016). “Você tentou fechar as pernas?” – A cultura machista impregnada nas práticas sociais. *Polêmica – Questões Contemporâneas*, 16(3), 1-18.
- Palacios, R. J., & Martínez, R. (2017). Descripción de características de personalidad y dimensiones socioculturales en jóvenes mexicanos. *Revista de psicología*, 35(2), 453-484. doi: <https://doi.org/10.18800/psico.201702.003>
- Pérez, M. M., & Aragón, R. S. (2014). Correlatos entre bienestar subjetivo y regulación emocional del enojo: Diferencias por sexo. *Enseñanza e Investigación en Psicología*, 19(1), 179-198. Retirado de: <https://go.galegroup.com/ps/anonymous?id=GALE%7CA409714657&sid=googleScholar&v=2.1&it=r&linkaccess=fulltext&issn=01851594&p=IFME&sw=w>
- Pinto, R. C. (2003). *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Pinto, G. A. (2007). *A Organização do Trabalho no século 20: Taylorismo, Fordismo e Toyotismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- Pinto, C. R. J. (2010). Feminismo, história e poder. *Rev. Sociol. Polít.*, 18(36), Curitiba.
- Reis, C. B., & Santos, N. R. (2011). Relações desiguais de gênero no discurso de adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16 (10), 3979-3984. Rio de Janeiro. Retirado de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232011001100002
- Sá, C. P. (1984). Sobre a fundamentação psicológica da psicologia social e suas implicações para a educação. *Fórum Educacional*, 8(1), 23-44. Retirado de: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/fe/article/view/60707>

Saffioti, H. I. B. (2001). Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero.

Cadernos Pagu, 16, 115-136.

Saffioti, H. (2004). *Gênero, patriarcado e violência*. Editora Fundação Perseu Abramo.

Sánchez-Aragón, R., & Díaz-Loving, R. (2009). Reglas y preceptos culturales de la expresión emocional en México: Su medición. *Universitas Psychologica*, 8(3), 793-805.

Sirelli, P. M., Santos, D. F. de S., Oliveira, T. C., Pinheiro, L. T., & Rosa, V. de P. N. (2018).

Construindo histórias com adolescentes metodologias participativas na desconstrução do machismo. *Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social*, 16(1), 1-15. Retirado de: <http://teste.periodicos.ufes.br/abepss/article/view/23407>

Taquette, S. R., Vilhena, M.; M. de (2006). Adolescência, gênero e saúde. *Adolescente & Saúde*, 6(2), 6-12. Retirado de:

http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=139

Weber, M. (2000) *Economia e Sociedade*. Brasília: UnB.

APÊNDICES

Apêndice I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos Responsáveis

O menor de idade pelo qual o (a) senhor (a) é responsável está sendo convidado (a) a participar da pesquisa “ **(A CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS SOBRE MACHISMO E FEMINISMO ENTRE OS (AS) ADOLESCENTES DA CONTEMPORANEIDADE E SUA RELAÇÃO COM OS RECURSOS PSICOLÓGICOS DAS PREMISSAS HISTÓRICO-SOCIOCULTURAIS)**”. Os objetivos deste estudo consistem em analisar em que medida o contexto sociofamiliar, escolar e comunitário de vivências dos (as) adolescentes, alunos (as) dos anos finais do Ensino Fundamental de escolas públicas estaduais do município de Campo Grande - MS, influencia na construção de conceitos sobre machismo e feminismo, de acordo com a escala proposta por Díaz-Guerrero. Caso você autorize, seu filho irá: participar de uma pesquisa que consiste em um estudo exploratório-descritivo de corte transversal, na qual será utilizado como instrumento metodológico um formulário com afirmações, com as quais o participante poderá concordar ou discordar. A participação dele (a) não é obrigatória e, a qualquer momento, poderá desistir da participação. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com o pesquisador ou com a instituição em que ele estuda. Tudo foi planejado para minimizar os riscos da participação dele (a), porém se ele (a) (especificar riscos, ex: sentir desconforto com as perguntas, dificuldade ou desinteresse) poderá interromper a participação e, se houver interesse, conversar com o pesquisador sobre o assunto.

O (A) senhor (a) e o menor de idade pelo qual é responsável não receberão remuneração pela participação. A participação dele (a) poderá contribuir para (benefícios da pesquisa) As suas respostas não serão divulgadas de forma a possibilitar a identificação. Além disso, o (a) senhor (a) está recebendo uma cópia deste termo onde consta o telefone do pesquisador principal, podendo tirar dúvidas agora ou a qualquer momento. A pesquisador (a) Adriana dos Santos Souza Sunakozawa, (67) 99850-1700, e-mail: psicologa.cgms@gmail.com) sob orientação da professora Dra^o Heloisa Bruna Grubits Freire. Informa que o projeto foi aprovado e autorizado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UCDB. Que se localiza Av. Tamandaré, 6000, Jardim Seminário – CEP: 79117-900 – Campo Grande-MS

Telefone: (67) 3312-3478 Email: cep@ucdb.br

Se necessário, pode-se entrar em contato com esse Comitê o qual tem como objetivo assegurar a ética na realização das pesquisas com seres humanos.

Consentimento

Eu, _____ declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da participação do menor de idade pelo qual sou responsável, sendo que:

() aceito que ele(a) participe () não aceito que ele(a) participe Campo Grande,
MS de..... de 20

Assinatura do Responsável

Apêndice II - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro, por meio deste termo, que concordei em participar na pesquisa de campo referente ao projeto **“A CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS SOBRE MACHISMO E FEMINISMO ENTRE OS (AS) ADOLESCENTES DA CONTEMPORANEIDADE E SUA RELAÇÃO COM OS RECURSOS PSICOLÓGICOS DAS PREMISSAS HISTÓRICO-SOCIOCULTURAIS”** desenvolvida (o) por Adriana dos Santos Souza Sunakozawa. Fui informado (a), ainda, de que a pesquisa é orientada pela professora Dra. Heloisa Bruna Grubits Freire. Afirmo que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro ou ter qualquer ônus e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado(a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo, que, em linhas gerais é, analisar em que medida o contexto sociofamiliar, escolar e comunitário de vivências dos(as) adolescentes, alunos(as) dos anos finais do Ensino Fundamental de escolas públicas estaduais do município de Campo Grande - MS, influencia na construção de conceitos sobre machismo e feminismo, de acordo com a escala proposta por Díaz-Guerrero, composta por 5 fatores: machismo, virgindade, relação de amor, obediência filiação e educação, podendo vir a interferir nos níveis de satisfação destes sujeitos quanto à equidade em suas relações interpessoais. Minha colaboração se fará de forma anônima, por meio da coleta sistemática dos dados que será realizada através da aplicação do formulário, bem como registros, análises e interpretação dos resultados obtidos, contudo, sem que ocorra a interferência da pesquisadora. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e/ou seu (s) orientador (es) / coordenador (es). Fui ainda informado (a) de que posso me retirar desse (a) estudo / pesquisa / programa a qualquer momento, sem prejuízo para meu acompanhamento ou sofrer quaisquer sanções ou constrangimentos. Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações do Comitê de Ética em Pesquisa da UCDB. Que se localiza Av. Tamandaré, 6000, Jardim Seminário – CEP: 79117- 900 – Campo - MS. Telefone: (67) 3312-3478 E-mail: cep@ucdb.br

Campo Grande MS, _____ de _____ de

Assinatura do (a) participante:

Assinatura do (a) pesquisador (a):

Assinatura do (a) testemunha (a):

Apêndice III – Satisfação Escolar em Estudantes de Escolas Públicas de Campo Grande –**MS****Satisfação Escolar em Estudantes de Escolas****Instruções**

Este caderno não deve ser danificado ou maltratado, porque ele vai ser usado por outras pessoas, nele estão as perguntas. As suas respostas deverão ser colocadas na folha que será fornecida para este fim.

- Leia atentamente cada uma das perguntas e responda-as na folha de respostas. As opções de resposta são identificadas com as letras: (A), (B), (C), (D) e (E).
- Marque as alternativas, preenchendo completamente os círculos correspondentes na folha de respostas para a opção selecionada. Marque apenas uma resposta para cada pergunta.
- Se ao conferir suas respostas você mudar de ideia, apague completamente a opção considerada incorreta e preencha completamente sua nova alternativa.
- Verifique se respondeu cada pergunta no lugar certo, conferindo a numeração da pergunta e da resposta.

Este questionário contém perguntas que visam a obtenção de informações para o projeto intitulado “A construção de conceitos sobre machismo e feminismo entre os (as) adolescentes da contemporaneidade e sua relação com os recursos psicológicos das premissas histórico-sociocultural”. O projeto pretende verificar em que medida os aspectos de personalidade, emoções morais e contexto da comunidade interferem no grau de satisfação dos adolescentes. Agradecemos antecipadamente a sua colaboração e garantimos que as informações fornecidas serão mantidas em sigilo.

1.- Sexo				
<input type="radio"/> A Masculino		<input type="radio"/> B Feminino		
2.- Você trabalha?				
<input type="radio"/> A Não trabalho	<input type="radio"/> B Trabalho em casa sem remuneração	<input type="radio"/> C Trabalho em casa com remuneração	<input type="radio"/> D Trabalho informal com remuneração	<input type="radio"/> E Trabalho juntando coisas para vender
3.- Se você trabalha, quantas horas por dia?				
<input type="radio"/> A 1 a 2 horas	<input type="radio"/> B 3 a 4 horas	<input type="radio"/> C 5 a 6 horas	<input type="radio"/> D 7 a 8 horas	<input type="radio"/> E Mais de 8 horas
4.- Você já apanhou do seu pai ou da sua mãe?				
<input type="radio"/> A Sim		<input type="radio"/> B Não		
5.- Faz quanto tempo?				
<input type="radio"/> A Um dia	<input type="radio"/> B 2 dias	<input type="radio"/> C 3 dias	<input type="radio"/> D 4 dias	<input type="radio"/> E Mais de 4 dias
6.- Você se diverte mais com seus colegas da escola do que os amigos do bairro?				
<input type="radio"/> A Sim		<input type="radio"/> B Não		
7.- Você gosta da sua escola ? Ela é alegre e divertida?				
<input type="radio"/> A Sim		<input type="radio"/> B Não		
8.- Algum colega te incomoda (faz bullying) na escola?				
<input type="radio"/> A Sim		<input type="radio"/> B Não		
9.- Na última semana quantas vezes um colegas de escola te incomodou?				
<input type="radio"/> A Nenhuma	<input type="radio"/> B 1 a 2 vezes	<input type="radio"/> C 3 vezes	<input type="radio"/> D 4 vezes	<input type="radio"/> E Mais de 4 vezes

10.- Você tem amigos(as) que fazem parte de gangues?				
Ⓐ		Ⓑ		
Sim		Não		
11.- Qual foi a média das suas notas no ano passado ?				
Ⓐ 5 a 6	Ⓑ 6 a 7	Ⓒ 7.1 a 8	Ⓓ 8.1 a 9	Ⓔ 9.1 a 10
12.-Qual média você deseja alcançar para suas notas esse ano?				
Ⓐ 5 a 6	Ⓑ 6 a 7	Ⓒ 7.1 a 8	Ⓓ 8.1 a 9	Ⓔ 9.1 a 10
13.- Você gosta de matemática?				
Ⓐ Bastante	Ⓑ Suficiente	Ⓒ Mais ou menos	Ⓓ Pouco	Ⓔ Não gosto
14.- Você gosta de desenhar e pintar?				
Ⓐ Bastante	Ⓑ Suficiente	Ⓒ Mais ou menos	Ⓓ Pouco	Ⓔ Não gosto
15.- Você gosta de praticar esportes?				
Ⓐ Bastante	Ⓑ Suficiente	Ⓒ Mais ou menos	Ⓓ Pouco	Ⓔ Não gosto
16.- Você gosta de história?				
Ⓐ Bastante	Ⓑ Suficiente	Ⓒ Mais ou menos	Ⓓ Pouco	Ⓔ Não gosto
17.- Qual foi a média das suas notas no bimestre passado ?				
Ⓐ 5 a 6	Ⓑ 6 a 7	Ⓒ 7.1 a 8	Ⓓ 8.1 a 9	Ⓔ 9.1 a 10
18.- Em quantas matérias você ficou com notas abaixo da média no bimestre passado?				
Ⓐ 0	Ⓑ 1 a 3	Ⓒ 4 a 5	Ⓓ 6 a 7	Ⓔ Mais de 7

19.- Quantos bocais (soquete) de lâmpadas tem na sua casa?				
(A) 0	(B) 1 a 3	(C) 4 a 6	(D) 7 a 9	(E) Mais de 9
20.- Quantas TVs tem na sua casa?				
(A) 0	(B) 1	(C) 2	(D) 3	(E) 4 ou mais
21.- Quantos fornos de microondas tem na sua casa?				
(A) 0	(B) 1	(C) 2	(D) 3	(E) 4 ou mais
22.- Quantos computadores têm na sua casa?				
(A) 0	(B) 1	(C) 2	(D) 3	(E) 4 ou mais
23.- Quantos carros tem na sua casa?				
(A) 0	(B) 1	(C) 2	(D) 3	(E) 4 ou mais
24.- De que tipo de material são construídas as paredes de sua casa?				
(A) Madeira	(B) Papelão	(C) Folha de amianto ou de metal	(D) Barro	(E) Tijolo
25.- De que tipo de material é feito o teto de sua casa?				
(A) Palha	(B) Papelão	(C) Folha de amianto ou de metal	(D) Madeira	(E) Telha ou Concreto
26.- De que material é feito o piso de sua casa?				
(A) Terra	(B) Cimento	(C) Mosaico/Cacos de Piso	(D) Ladrilho/Piso de Cerâmica	(E) Outro
27.- Quantas pessoas vivem na sua casa?				
(A) 2 a 3	(B) 4 a 5	(C) 5 a 6	(D) 6 a 7	(E) Mais de 7
28.- Em sua família quantas pessoas trabalham?				
(A) 1	(B) 2 a 3	(C) 4 a 6	(D) 7 a 9	(E) Mais de 9

A seguir são apresentados alguns comportamentos que os alunos podem ter quando algum colega de sala é agredido física, verbal ou socialmente por um outro colega ou grupo de colegas. Escolha quantas vezes você teve esses comportamentos.

	Nunca (A)	Quase nunca (B)	As vezes (C)	Quase sempre (D)	Sempre (E)
29	Me divirto com essas situações				
30	Incentivo o agressor a continuar				
31	Chamo outros colegas para ver				
32	Ajudo o agressor segurando a vítima				
33	Conto sobre a agressão para algum adulto				
34	Tento impedir o(s) agressor(es)				
35	Tento incentivar a vítima				
36	Chamo outros colegas para ajudar a vítima				
37	Defendo a vítima				
38	Evito estar presente nestas situações, me mantenho afastado				
39	Eu não falo com ninguém sobre a situação de agressão				
40	Eu não faço nada, eu tento não tomar partido				
41	Eu finjo que não sabia nada sobre a situação de agressão				

Leia atentamente as instruções a seguir que descrevem como você se sente sobre a sua vida. Selecione a opção que melhor representa a forma como você se sente sobre sua vida. Por favor, seja honesto com a sua resposta.

	(A) Totalmente Insatisfeito	(B) Parcialmente Insatisfeito	(C) Ligeiramente satisfeito	(D) Parcialmente satisfeito	(E) Totalmente satisfeito
42	Ao pensar sobre sua vida e circunstâncias pessoais, quanto você está satisfeito com sua vida em geral?				

Leia atentamente as instruções a seguir que descrevem como você se sente sobre o seu bem-estar pessoal. Selecione a opção que melhor representa a forma como você se sente. Por favor, seja honesto com a sua resposta.

	(A) Totalmente Insatisfeito	(B) Parcialmente Insatisfeito	(C) Ligeiramente satisfeito	(D) Parcialmente satisfeito	(E) Totalmente satisfeito
43	Sua situação econômica				
44	Sua saúde				

45	Suas realizações em sua vida
46	Suas relações pessoais
47	Me sinto seguro, sem medo da vida
48	Sua relação com a sua comunidade
49	A segurança de seu futuro
50	Suas relações familiares
51	Suas amizades
52	A vida na sua cidade
53	A situação econômica no seu bairro
54	A qualidade do meio ambiente no seu bairro
55	As condições sociais do seu bairro
56	A diferença de renda entre seu bairro e o município como um todo
57	O vereador que representa seu bairro
58	O apoio da prefeitura para as famílias do seu bairro
59	O fato de que você pode confiar na maioria das pessoas

Queremos saber que pensamentos você teve nas últimas semanas sobre a sua vida. Pense em como você utiliza seus dias e noites e sobre como tem sido sua vida na maior parte do tempo. Por favor, responda a maneira como você realmente se sente, não como você acha que deveria ser.

	Ⓐ Discordo Totalment e	Ⓑ Discordo Parcialmen te	Ⓒ Concordo Ligeiramen te	Ⓓ Concordo Parcialmen te	Ⓔ Concordo Completamen te
60	Meus amigos são amáveis comigo				
61	É divertido estar comigo				
62	Me sinto mal na escola				
63	Me sinto mal com meus amigos				
64	Há muitas coisas que posso fazer bem				
65	Aprendo muito na escola				
66	Gosto de ficar com meus pais				
67	Minha família é melhor que a maioria				
68	Tem muitas coisas na escola de que não gosto				
69	Eu acho que eu sou bonito (a).				
70	Os meus amigos são muito legais				
71	Meus amigos me ajudam no que preciso				
72	Desejaria não ter que ir a escola				
73	Gosto de mim mesmo				
74	Tem muitas coisas legais para fazer onde moro				
75	Meus amigos me tratam bem				
76	A maioria das pessoas gostam de mim				
77	Gosto de estar em casa com a família				
78	Os membros da minha família se dão bem				
79	Tenho vontade de ir a escola				
80	Meus pais me tratam bem				

81	Gosto de estar na escola
82	Meus colegas são maus comigo
83	Desejaria ter colegas diferentes
84	A escola é interessante
85	Me divirto nas atividades escolares
86	Desejaria viver em uma casa diferente
87	Os membros da minha família se falam educadamente
88	Me divirto muito com meus amigos
89	Meus pais e eu fazemos coisas divertidas juntos
90	Gosto do meu bairro
91	Desejaria viver em outro lugar
92	Sou uma pessoa amável
93	Esta cidade está cheia de gente ruim
94	Gosto de experimentar coisas novas
95	Minha família é agradável
96	Gosto dos meus vizinhos
97	Tenho amigos suficientes
98	Eu gostaria que as pessoas do meu bairro fossem diferentes
99	Gosto do lugar em que vivo

A seguir estão comportamentos que os alunos fazem na escola. Marque a frequência com que você os realiza. Inventário de comportamentos pró-sociais na escola

	Nunca	Quase nunca	As vezes	Quase sempre	Sempre
	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
100	Falo com meus colegas quando estão tristes e os consolo				
101	Acalmo meus colegas quando estão nervosos				
102	Incentivo meus colegas quando necessitam				
103	Me coloco no lugar de meus colegas quando estão numa situação difícil				
104	Eu não dou importância às causas de uma discussão				
105	Compartilho a tristeza de meus colegas				
106	Fico em silêncio enquanto alguém está falando				
107	Escuto meus colegas e meus professores quando me explicam alguma coisa				
108	Deixo o que estou fazendo para ouvir alguém				
109	Aceito meus colegas independentemente de seu sexo ou classe social				
110	Permito que meus colegas utilizem meus materiais e objetos pessoais				
111	Compartilho dados, informações e anotações com os colegas				
112	Conto aos colegas alguma experiência pessoal				
113	Explico as regras do jogo para meus colegas quando eles não entendem				
114	Divido meu lanche e objetos pessoais com meus colegas de classe				
115	Ajudo um colega com deficiência para executar uma tarefa em que ele tenha dificuldade				
116	Ajudo um colega a executar uma tarefa em que ele tenha dificuldade				

117	Acompanho um colega ferido até a enfermaria ou a um professor
118	Ajudado um colega para evitar situações perigosas (queda da cadeira, escorregão).
119	Faço todo o possível para que as pessoas se sintam confortáveis no grupo
120	Ajudado a resolver os conflitos dentro do grupo
121	Colaboro para criar um clima harmonioso no grupo

Leia com atenção as seguintes afirmações que se referem a todos os pensamentos que você pode ter. Selecione a opção que melhor representa a forma como você pensa. Por favor, seja honesto nas suas respostas.

	(A) Discordo Totalment e	(B) Discordo Parcialmen te	(C) Concordo Ligeiramen te	(D) Concordo Parcialmen te	(E) Concordo Completamen te
122	É mais importante obedecer aos pais que amá-los				
123	Ser virgen é muito importante para a mulher solteira				
124	É muito melhor ser homem do que mulher				
125	Deve-se respeitar mais uma pessoa importante que uma pessoa comum				
126	As mulheres que casam virgens são melhores esposas				
127	Os homens são superiores as mulheres				
128	As vezes uma filha não deve obedecer sua mãe				
129	As meninas não são tão inteligentes quanto os meninos				
130	Os homens são mais inteligentes que as mulheres				
131	Os homens sofrem mais em suas vidas que as mulheres				
132	Os homens devem ser agressivos				
133	Todo homem gostaria de casar com uma mulher virgem				
134	É mais importante respeitar o pai que amá-lo				
135	O pior que pode acontecer a uma família é ter um filho homossexual				
136	É mais importante obedecer a mãe que amá-la				
137	As vezes uma filha não deve obedecer seu pai				
138	Todas as mulheres gostariam de casarem virgens				
139	É mais importante respeitar a mãe que amá-la				
140	Os brasileiros deveriam ser mais fiéis às suas esposas				
141	Educar os filhos é função primordial do pai				
142	Educar os filhos é função primordial da mãe				

Leia com atenção as seguintes afirmações que fazem referências a possíveis características das pessoas. Escolha a resposta que melhor descreve você. Por favor, seja honesto com a sua resposta.

	Nunc a (A)	Quase nunca (B)	As vezes (C)	Quase sempre (D)	Sempr e (E)
143	Meus professores me consideram um bom estudante				
144	Sou bom praticando esportes				
145	Me considero uma pessoa amigável				
146	Sou um bom aluno				
147	Faço bem as tarefas da escola				
148	Trabalho muito na classe				
149	Me considero elegante				
150	Meus pais confiam em mim				

151	Meus professores me consideram inteligente e trabalhador
152	Faço amigos facilmente
153	Tenho muitos amigos
154	Tenho dificuldade em falar com estranhos
155	Me sinto querido por meus pais
156	Minha família me ajudaria em qualquer tipo de problema
157	Meus amigos gostam de mim
158	Sou muito criticado em casa
159	Minha família está decepcionada comigo
160	É difícil para mim fazer amigos
161	Gosto de como sou fisicamente
162	Meus professores gostam de mim
163	Me sinto feliz em casa
164	Sou uma pessoa atraente
165	Me chamam para realizar atividades esportivas
166	Me cuido fisicamente

Afirmações fazem referências a possíveis mecanismos que as pessoas usam para justificar o seu comportamento.

	(A) Discordo Totalment e	(B) Discordo Parcialmen te	(C) Concordo Ligeiramen te	(D) Concordo Parcialmen te	(E) Concordo Completamen te
167	Estou disposto a brigar para proteger meus amigos.				
168	Bater num colega é somente uma forma de brincar				
169	Danificar propriedade de outra pessoa não é tão ruim quando comparado a bater nos colegas				
170	Jovens membros de gangues não deve ser responsabilizados pelos problemas sua gangue realiza				
171	Se um garoto vive em condições desfavoráveis você não pode julgá-lo por comportar-se de forma agressiva				
172	Não há problemas em contar pequenas mentiras porque não fazem mal nenhum				
173	Algumas pessoas merecem ser tratadas como objetos				
174	Se um aluno briga e se comporta mal na escola a culpa é do professor				
175	Não há problemas em bater em alguém que ofende minha família				
176	Não há problema em bater num colega desagradável para aprender a me respeitar				
177	Roubar pouco dinheiro não é tão ruim comparado com aqueles que roubam muito				
178	Um garoto que motiva outros a quebrarem as regras não deve ser responsabilizado pelos seus atos				
179	Se as crianças são indisciplinadas não devem ser responsabilizados por mau comportamento				

180	As crianças não se importam de serem provocadas
181	Não há problema em maltratar alguém que se comporta como cretino.
182	Se as pessoas não se preocupam onde deixam suas coisas é sua culpa se forem roubadas
183	Não há problema em brigar quando a honra do grupo está sob ameaça.
184	Pegar a bicicleta de alguém sem sua permissão é apenas pegar emprestado
185	Não há problema em xingar um colega de sala porque bater nele é pior
186	Se um grupo de crianças faz algo prejudicial, seria injusto culpar qualquer um deles
187	As crianças não podem ser culpados por usar palavras ofensivas quando todos os seus amigos fazem
188	Fazer bullying com alguém não faz mal algum
189	Alguém que é ruim não merece ser tratado como um ser humano
190	As crianças que sofrem maus-tratos muitas vezes fazem coisas para merecer
191	Não há problema em mentir para evitar problemas para seus amigos
192	Não é ruim usar drogas de vez em quando
193	Comparado com o que os outros roubam, pegar algo de uma loja sem pagar não é tão ruim
194	É injusto culpar um garoto que participou pouco de um dano causado por seu grupo
195	As crianças não têm culpa por seu mau comportamento se eles são pressionados a fazê-lo
196	Insultos entre as crianças não machucam ninguém
197	Algumas pessoas devem ser maltratados porque não tem sentimentos
198	As crianças não têm culpa por mau comportamento se seus pais

Em seguida, há uma série de frases relacionadas com a seu bairro. Escolha a alternativa que melhor indica o que você pensa sobre cada uma delas.

	(A) Totalme nte falsa	(B) Fals a	(C) Nem falsa nem verdadeira	(D) Verdade ira	(E) Totalmente verdadeira
199	Os adultos do meu bairro se preocupam que os jovens estejam bem.				
200	Os jovens encontram em meu bairro pessoas adultas que lhe ajudem a resolver algum problema.				
201	As pessoas adultas do meu bairro dizem que é preciso escutar os jovens.				
202	Me sinto parte do meu bairro.				
203	Os adultos de meu bairro valorizam muito os jovens.				
204	Os adultos no meu bairro nos repreendem se danificarmos locais públicos .				
205	Sinto que sou parte do meu bairro.				
206	Me sinto muito unido ao meu bairro				

207	Viver no meu bairro me faz sentir que faço parte de uma comunidade
208	No meu bairro, quando os adultos tomar decisões que afetam os jovens ouvem antes nossa opinião.
209	No meu bairro tem gente que vende droga.
210	Nas férias no meu bairro há muitas atividades para que os jovens possam se divertir
211	Alguns amigos de fora tem medo de vir ao meu bairro.
212	As pessoas do meu bairro cometem delitos
213	As pessoas adultas do meu bairro tentam impedir que os jovens queimem ou quebrem coisas .
214	As pessoas da minha idade se sentem queridos pelos adultos do bairro.
215	Se um jovem do meu bairro tentasse danificar um carro um adulto o impediria
216	No meu bairro, se você fizer qualquer dano com certeza um adulto vai repreendê-lo
217	Os jovens do meu bairro tem lugares onde podem se reunir quando pedem.
218	Os jovens do meu bairro podem fazer tantas coisas depois da aula que raramente ficam entediados.
219	No meu bairro muitas vezes há brigas entre gangues de rua.
220	Há poucos bairros em que há tantas atividades para os jovens como no meu.

Leia cada uma das seguintes afirmações sobre o seu comportamento com os seus colegas. Selecione a opção que melhor identifica a frequência do seu comportamento.

	Nunca	Quase nunca	As vezes	Quase sempre	Sempre
	(A)	(B)	(C)	(D)	(E)
221	Incomoda-me ver um colega (a) ser tratado de forma desrespeitosa				
222	Quando vejo um colega (a) sendo tratado injustamente, eu sinto pena dele				
223	Quando vejo se aproveitarem de alguém, sinto que devo proteger essa pessoa				
224	Pareço estar em sintonia como os estados emocionais de outros colegas				
225	Quando algum colega se sente emocionado tento compreender a situação				
226	Antes de criticar algum colega, tento imaginar o que sentiria se estivesse no seu lugar				
227	Quando há divergência, procuro considerar o ponto de vista do outro colega				
228	Creio que em qualquer situação existem duas versões diferentes, então tento levar as duas em consideração				
229	Encontro dificuldades para ver as coisas do ponto de vista de outras pessoas				

Anexo I – Questionário “Satisfacción con la vida en escolares de enseñanza básica en México y Brasil” de Largada (2018).

Instrucciones

Este cuestionario contiene preguntas con las que se pretende obtener información para el desarrollo del proyecto titulado “*Satisfacción con la vida en escolares de enseñanza básica en México y Brasil*”, cuyo objetivo es reconocer los factores personales, familiares y escolares asociados con la satisfacción de niños adolescentes y jóvenes de diferentes contextos culturales. Agradecemos de antemano su colaboración y le aseguramos que la información proporcionada será totalmente confidencial.

1.- Sexo				
Ⓐ Masculino		Ⓑ Femenino		
2.- En caso de trabajar, ¿en dónde lo haces?				
Ⓐ No trabajo	Ⓑ Trabajo en casa sin pago	Ⓒ Trabajo en casa con pago	Ⓓ Trabajo por fuera con pago	Ⓔ Trabajo juntando cosas para vender
3.- En caso de trabajar, ¿cuántas horas al día lo haces?				
Ⓐ 1 a 2 horas	Ⓑ 3 a 4 horas	Ⓒ 5 a 6 horas	Ⓓ 7 a 8 horas	Ⓔ Más de 8 horas
4.- Si recibes golpes por parte de (tu padre y/o madre), ¿la última vez fue?				
Ⓐ Si		Ⓑ No		
5.- ¿Tus campaneros/as en la escuela son más divertidos que los de la colonia?				

Ⓐ	Ⓑ
---	---

Si		No		
6.- ¿Tu escuela es divertida?				
Ⓐ Si		Ⓑ No		
7.- ¿En la última semana, cuantas veces un compañero/a te molestó en escuela?				
Ⓐ Ninguna	Ⓑ 1 a 2 veces	Ⓒ 3 veces	Ⓓ 4 veces	Ⓔ Más de 4 veces
8.- ¿Algunos de tus amigos/as pertenecen a una pandilla?				
Ⓐ Si		Ⓑ No		
9.- ¿Qué calificación obtuviste en el bimestre anterior?				
Ⓐ 5 a 6	Ⓑ 6 a 7	Ⓒ 7.1 a 8	Ⓓ 8.1 a 9	Ⓔ 9.1 a 10
10.- ¿Cuántas materias reprobaste el bimestre anterior?				
Ⓐ 0	Ⓑ 1 a 3	Ⓒ 4 a 5	Ⓓ 6 a 7	Ⓔ Más de 7

Escala Multidimensional De Satisfacción Con La Vida Para Estudiantes

Nos gustaría saber que pensamientos has tenido en las últimas semanas sobre la vida. Piensa en como pasas cada día y noche y piensa en cómo ha sido tu vida en su mayoría. Por favor responde de la manera en que realmente te sientas, no como piensas que debería ser.

Ⓐ Completo desacuerdo	Ⓑ Moderado desacuerdo	Ⓒ Ligero acuerdo	Ⓓ Moderado acuerdo	Ⓔ Completo acuerdo
Satisfacción con los amigos				
Mis amigos son amables conmigo.				
Mis amigos son grandiosos.				
Mis amigos me ayudarán si lo necesito.				
Mis amigos me tratan bien.				
Satisfacción con la colonia				
Hay muchas cosas divertidas que hacer donde vivo.				
Me gusta mi colonia.				
Me agradan mis vecinos.				
Me gusta el lugar donde vivo.				
Me gusta mi colonia.				
Satisfacción con la familia				
Me gusta pasar tiempo con mis padres.				
Mi familia es mejor que la mayoría.				
Disfruto estar en casa con mi familia.				
Los miembros de mi familia se la llevan bien juntos				
Mis padres me tratan justamente.				
Los miembros de mi familia se hablan amablemente				
Mis padres y yo hacemos cosas divertidas juntos				
Satisfacción personal				
Soy una persona amable.				
Es divertido estar conmigo.				
Yo me agrado.				
A la mayoría de la gente le agrado.				
Satisfacción escolar				
Tengo ganas de ir a la escuela.				
La escuela es interesante.				
Disfruto las actividades escolares.				
Reactivos eliminados				
Hay muchas cosas que puedo hacer bien.				
Creo que soy apuesto(a).				
Desearía vivir en otra parte.				
La paso mal con mis amigos.*				
Aprendo mucho en la escuela.				

Me siento mal en la escuela.*

Hay muchas cosas acerca de la escuela que no me gustan.*
Hay muchas cosas acerca de la escuela que no me gustan.*
Desearía no tener que ir a la escuela.*
Me gusta estar en la escuela.
Mis compañeros son malos conmigo*
Desearía tener compañeros diferentes.*
Desearía vivir en una casa diferente.*
Me divierto mucho con mis amigos.
Esta ciudad está llena de gente mala.*
Me gusta intentar cosas nuevas.
La casa de mi familia es agradable.
Tengo suficientes amigos.
Desearía que hubiera gente diferente en mi colonia.*

***Reactivos negativos.**

Índice de Bienestar Personal

Lee con atención las siguientes afirmaciones que describen como te sientes con respecto a tu bienestar personal. Selecciona la opción que mejor represente cómo te sientes. Por favor, sé sincero con tu respuesta.

Ⓐ Totalmente Insatisfecho	Ⓑ Moderadamente Insatisfecho	Ⓒ Ligeramente satisfecho	Ⓓ Moderadamente satisfecho	Ⓔ Totalmente satisfecho
Tu situación económica				
Tu salud				
Tus logros alcanzados en tu vida				
Tus relaciones personales				
Me siento seguro, sin temor a la vida				
Sintiéndose parte de tu colonia				
La seguridad de tu futuro				
Tus relaciones familiares				
Tus amistades				

Índice de Bienestar Local

Lee con atención las siguientes afirmaciones que describen como te sientes con respecto a tu bienestar en tu comunidad. Selecciona la opción que mejor represente cómo te sientes. Por favor, sé sincero con tu respuesta.

Ⓐ Totalmente Insatisfecho	Ⓑ Moderadamente Insatisfecho	Ⓒ Ligeramente satisfecho	Ⓓ Moderadamente satisfecho	Ⓔ Totalmente satisfecho
La vida en tu ciudad				
La situación económica en tu colonia				
La calidad del medio ambiente en tu colonia				
Las condiciones sociales en tu colonia				
La diferencia de salarios en tu comunidad o ciudad				
El gobierno en tu colonia				
El apoyo que el gobierno da a las familias en tu colonia				
El hecho de que puedas confiar en la mayoría de las personas				

Escala de Activos de Barrio

A continuación, figuran una serie de frases referidas a tu colonia. Indica tu mayor o menor acuerdo con cada una de ellas.

(A) Totalmente falsa	(B) Falsa	(C) Ni falsa ni verdadera	(D) Verdadera	(E) Totalmente verdadera
Apoyo y Empoderamiento				
Las personas adultas de mi colonia se preocupan de que los jóvenes estemos bien.				
La gente adulta de mi colonia valora mucho a los jóvenes.				
Los jóvenes encuentran en mi colonia personas adultas que le ayuden a resolver algún problema.				
Las personas adultas de mi colonia dicen que hay que escuchar a los jóvenes.				
Apego al Barrio				
Me siento parte de con mi colonia.				
Siento que formo parte de mi colonia.				
Me siento muy unido a mi colonia.				
La gente de mi edad nos sentimos apreciados por las personas adultas de la colonia.				
Vivir en mi colonia me hace sentir que formo parte de una comunidad				
En mi colonia, cuando los adultos toman decisiones que nos afectan a los jóvenes escuchan antes nuestra opinión.				
Control Social				
Las personas adultas de mi colonia tratarían de impedir que los jóvenes quemaran o rompieran cosas (papeleras, contenedores).				
Si un joven de mi colonia intentara dañar un coche las personas adultas lo evitarían.				
Las personas adultas de mi colonia nos regañan si dañamos los lugares públicos.				
En mi colonia, si haces cualquier daño seguro que algún adulto te regañará				
Actividades para jóvenes				
Los jóvenes de mi colonia hay lugares donde reunirnos cuando lo requerimos.				
En vacaciones, en mi colonia hay muchas actividades para que podamos divertirnos los jóvenes.				
Hay pocas colonias en las que haya tantas actividades para jóvenes como en el mía.				

Los jóvenes de mi colonia podemos hacer tantas cosas después de clase que raramente nos aburrirnos.
Seguridad
En mi colonia hay gente que vende droga.*
En mi colonia suele haber peleas entre bandas callejeras.*
Algunos amigos de fuera tienen miedo de venir a mi colonia.*
La gente de mi colonia comete delitos*

***Reactivos eliminados**

Escala de autoconcepto

Lee con atención las siguientes afirmaciones que hacen referencias a posibles características de las personas. Selecciona la opción de respuesta que mejor te describa. Por favor sea sincero con su respuesta.

Ⓐ Nunca	Ⓑ Casi nunca	Ⓒ A veces	Ⓓ Casi siempre	Ⓔ Siempre
Autoconcepto académico				
Mis profesores me consideran un buen estudiante				
Soy un buen estudiante				
Hago bien los trabajos escolares				
Trabajo mucho en clase				
Mis profesores me consideran inteligente y trabajador				
Autoconcepto familiar				
Mis padres confían en mí				
Me siento querido por mis padres				
Mi familia me ayudaría en cualquier tipo de problemas				
Me siento feliz en casa				
Autoconcepto social				
Me considero una persona amigable				
Hago fácilmente amigos				
Tengo muchos amigos				
Mis amigos/as me aprecian				
Autoconcepto físico				
Me cuido físicamente				
Me gusta cómo soy físicamente				
Soy una persona atractiva				
Reactivos eliminados				
Soy bueno haciendo deporte				
Me considero elegante				

Me cuesta hablar con desconocidos/as
Soy muy criticado en casa
Mi familia está decepcionada de mí
Es difícil para mí hacer amigos
Mis profesores me estiman
Me buscan para realizar actividades deportivas